3 1761 07048255 9

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/casosdomeutempo05cast

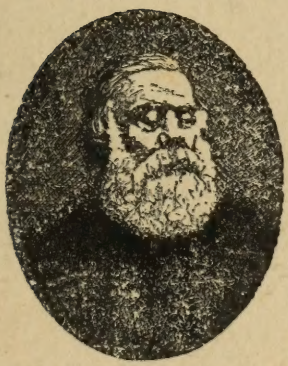
Obras completas

de A. F. de Castilho

XLIII

Casos do meu tempo

VOLUME V



LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
95, Rua Augusta, 95
1906

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 43.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV e V—Felicidade pela Agricultura (2 vol.)
VI e VII—A primavera (2 vol.)
VIII a XV—Vivos e mortos — Apreciações moraes, literarias, e artisticas (8 vol.)
XVI a XVIII—Excavações poeticas (3 vol.)
XIX e XX—O Presbyterio da montanha (2 vol.)
XXI e XXII—O Outono (2 vol.)
XXIII a XXVI—Quadros historicos de Portugal (4 vol.)
XXVII e XXVIII—Novas excavações poeticas (2 v.)
XXIX a XXXII—Camões, drama e notas (4 vol)
XXXIII—Canáce, tragedia original.
XXXIV—Um anjo da pelle do diabo.—O casamento de oiro.
XXXV—Aristodemo, tragedia. — A volta inesperada, farça.
XXXVI—A festa do amor filial. — A filha para casar.
XXXVII e XXXVIII — Palestras religiosas (2 vol.)
XXXIX a XLIII—Casos do meu tempo (5 vol.)

NO PRÉLO:

XLIV—Casos do meu tempo (6.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

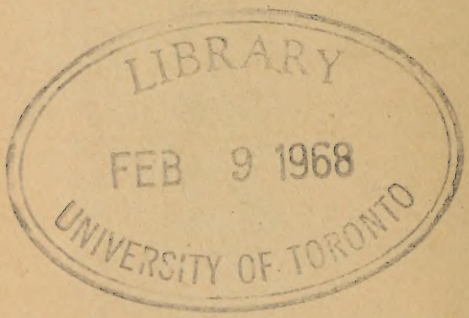
XLIII

CASOS DO MEU TEMPO

VOLUME V

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA — Rua Augusta, 95
TYPOGRAPHIA — 45, Rua Ivens
1906

PQ
9261
C34C35
v. 5



CXLVII

Theatro Normal

(Julho de 1843)

O theatro dos Condes nobilita-se cada vez mais pela briosa perseverança, com que, a travéz de difficuldades grandes, e de todo o genero, progride animoso para a perfeição, a que a final ha-de chegar.

A Companhia emprezaria, e ao mesmo tempo representante, desajudada por ora de subsídio, de que as emprezas estrangeiras suas predecessoras, e opulentas, nunca foram privadas, e entregue unicamente aos seus proprios recursos, preenche, por um modo que orça pelo milagroso, todas as suas obrigações, e passa ainda, n'este desempenho, muito para além do que se poderia requerer, ou esperar.

O scenario, o vestuario, as alfaias, em vez de se terem amesquinhado, teem crescido em profusão e esmero, principalmente para as peças nacionaes, e verdadeiramente *portuguezas*, que, no reinado intruzo dos emprezarios forasteiros, foram sempre tratadas como párias, como albinos, como excommungados.

Quanto ao primor da execução artistica,

a propria inveja confessa (pelo seu silencio) que o snr. Epiphanio, tão superior em conhecimentos theóricos e praticos ao snr. Doux, tem dado, em quantas peças ahi se hão visto desde que é ensaiador, outras tantas ostentações brilhantes da sua pericia e zelo em tal mistér.

*

A que ultimamente subiu á scena, e que mui tarde (ou nunca) descerá d'ella, basta, só por si, para abonar a veracidade de quanto dizemos.

O pae da actriz é uma comedia, propriamente dita, em cinco actos, muito applaudida em França sob o titulo de *Le père de la débutante*, porém admiravelmente melhorada na paráphrase, ou imitação libérrima, que d'ella fez o snr. Felner, cujo talento, já anteriormente provado n'este genero de obras, chegou n'esta (quanto a nós) ao maximo da perfeição.

Os costumes francezes, os chistes e riso francezes, o pensar e exprimir francez, ahi se acham trasvasados, até á ultima molécula, nos nossos costumes, nos nossos chistes, no nosso riso, no nosso pensar e exprimir.

Tudo quanto ha bom no original encontra-se na traducção, com bondade pelo menos egual; mas de mais ha n'ella centenares de donaires, que nem passaram pela cabeça ao primeiro autor; acrescendo, que não poucas diffusões e desenxabimentos, que aleijavam e estruiam algumas scenas, foram pelo reformador exterminados.

N'estas culturas, o *podar* não suppõe menos habilidade, que o *enxertar*.

O pae da actriz merece pois, e tem conseguido, as honras de comedia original portugueza.

Oxalá que o snr. Felner continue a enriquecer assim o nosso repertorio, e que o seu exemplo ache imitadores; e em dois sentidos o citamos como bom guia:

1.º—porque só se toma com originaes que se podem aclimatar perfeitamente para a nossa terra, e por isso faz obra em que o Povo se pode saborear de veras;

2.º—porque só adopta o que pode innocentemente recriar os ânimos.

*

A Literatura (é uma verdade, que muitas vezes havemos repetido) não foi, nem podia ser, inventada para nos amargurar com penas feitiças as horas do descanço.

Máguas reaes, e fundas, todos nós as temos, e de sobra. Empregar o engenho em criar, ou encarecer, outras excusadas, é um insensato abuso dos dons mais bellos da Providencia. Vender-nos por 480 reis quatro horas de tristeza, em vez de quatro horas de alegria, que talvez ao vendedor não custariam mais a fabricar, é, pelo menos, uma crueldade, mormente n'estes tempos que vão correndo.

Na comedia do *Pae da actriz* os espectadores riem desde o primeiro subir até ao ultimo descer do pano, e aprendem ao mesmo tempo muita coisa: todos os enredos theatraes. Manhas de emprezarios, de actores e atrizes, de seus arrojados e partidarios,

de musicos, de jornalistas, de poetas, etc. estão retratadas pelo snr. Felner com uma verdade *daguerreotypica,* e comprehendidas, e expressas por toda a Companhia com muita natureza e muita arte.

A critica moral e a literaria vão de braços dados por todos os cinco actos, sem tropeço, sem desvio, mas tambem sem crueldade nem excesso. Nós vimos autores e jornalistas applaudirem, com toda a sinceridade de sua alma, os epigrammas dardejados aos do seu officio; é porque os actores, representando-se a si proprios com os seus vicios e ridicularias, tinham, por isso mesmo, adquirido o direito de dizer aos outros a verdade. O Público mesmo da plateia levou com boa feição, e applaudiu, a sua parte, n'aquelle *juizo final* das coisas theatraes.

Todo o theatro representa (ou deve representar) o mundo; aqui o theatro representa o mundo, e mais o theatro. O tablado é por dois modos tablado; os actores, por dois modos actores; a orchestra, por dois modos orchestra; até a plateia é por dois modos plateia; isto é: todos estes elementos de espectaculo entram ali com o seu valor antigo e condicional, e com um valor novo e hypothetico. As raias entre a realidade e a ficção desappareceram; tudo é drama, e tudo é vida ao mesmo tempo.

O bem ensaiado de todas as partes, junto com a naturalidade do dialogo e dos incidentes, completa a illusão. O engenho incomparavel do snr. Sargedas, engenho que a *opera-comica* do Francez nos ia matando em flor, põe ao feitiço o seu ultimo remate. O

snr. Sargedas criou o seu papel com admiravel felicidade, e teve tambem a fortuna de ser egualmente ajudado por todos seus companheiros. D'entre estes, não individuaremos com o elogio, nem ainda o snr. Rosa, na parte do autor dramatico, porque em verdade todos elles preencheram, com muita arte, os seus differentes mistéres.

*

A cisterna d'Albi, a que tambem assistimos no serão de domingo ultimo, por dois modos dá honra á 1.ª dama, a snr.ª Talassi, porque foi ella mesma quem a traduziu do francez com assaz de naturalidade, e em linguagem, que, sem ser classica, facilmente dá de rosto á da maior parte dos traduzidores; e porque o papel, que ella para si tomou, da mãe da assassinada, papel de uma grande fôrça dramatica, e muito facil de se estragar, pelos muitos mimos de affectos que encerra, foi por ella preenchido com mestria.

*

Ampare o Público e ampare o Governo a nova Empreza, que assim é nacional, e assim vai, a passos largos, caminho da perfeição.

(*Rev. Univ.*)

CXLVIII

Carestía de um barrete

(Julho de 1843)

Amanhan, quinta feira 20, ás 10 horas do dia, na Real Capella das Necessidades, será imposto ao Eminentissimo Senhor Cardeal Saraiva (o senhor D. Francisco de S. Luiz) o barrete vermelho, que Sua Santidade lhe enviou pelo illustre Cavalheiro romano Borgia.

Folgamos com a harmonia restabelecida entre as Côrtes Romana e Portugueza; mas sentimos que não seja sem fundamento o seguinte, que por esta occasião lemos na *Restauração*:

«O valor intrinzeco é pequeno: é um barrete mui simples, dentro de uma caixa de marroquim, tambem sem o mínimo ornato; e é algum tanto avultado o dispendio de cerca de 4 mil libras (perto de 18:000$000 reis) em que julgamos importar a sobredita caixa.»

Não queremos que haja mais sinceros e francos defensores, do que nós, das coisas do Christianismo; mas, considerando os seus preceitos maximos, caridade, humildade, e renunciação de pompas mundanas, magôa-

nos que parte do pouco dinheiro de Portugal, com que se podia matar a fome a muito egresso, a muito militar velho, a muita viuva e orphan, a muito infeliz, e infelicissimo, e em extremo desamparo, se malbarate n'um barrete vermelho.

¿E riremos ainda dos resgates, que os Africanos sáfaros nos faziam, das suas preciosidades, pelos nossos avelórios e carapuças retintas?

Quando os Protestantes não perdem ponto de nos inçar de suas biblias e doutores, e de commentar ao ridículo os usos catholicos, gastar n'um chapeo dezoito contos de reis, e deixar, sem decencia nem telhados, um grande numero de parochiaes, sem Biblias genuinas, sem escolas, sem educação moral uma quantia assombrosa de conterraneos nossos, ¿não é alargar a brécha, por onde os nossos adversarios, que não dormem, entrem a hastear sobre nós a sua bandeira?

(*Rev. Univ.*)

CXLIX

Ciumes negros

(Julho de 1843)

Em um casebre, para as partes da Lapa, viviam sós mulher e marido, ambos pretos.

A vehemencia do *amor preto* é proverbial; os seus ciumes devem ser excessivos; são-o; ha d'isso provas innegaveis; bastava *O negro de Veneza*.

Com rasão ou sem ella, suspeitava a deidade de Guiné transvios de affeição, furtivas infidelidades, no companheiro do seu grabato. Do *suspeitar* ao *crer*, pouco vai no espirito dos zelosos. Para elles o *poder ser* é *ser;* é uma logica... pouco mais ou menos como a de muitos discursadores politicos.

*

Mãe Rosa (suppondo que *Rosa* se chamasse, o que não deixa de ser verosimil) já tinha, mais de uma vez, substituido, aos monólogos suspirados e chorados sem testemunhas, as scenas violentas de queixas, de exprobrações, até de ameaças; e estas scenas haviam-se tornado nos ultimos tempos quasi quotidianas.

Em uma noite da semana ultima, cança
de esperar encostada na sua enxêrga deser
deixou-se adormecer, imaginando uma v
gança, que ao mesmo tempo fosse remec
aos seus tormentos.

Era tarde, quando o seu *desertor por am*
bateu á porta. Acordou mãe Rosa logo
primeiro toque (e mas fôra elle quasi imp
ceptivel), não dado com a aldraba, mas c
os dedos, a medo, e desacompanhado de
lavras. Acordou logo, porque o seu corac
não dormia, e porque, n'aquelle mesmo
ter submisso, lhe trovejára um novo raio
ciume: era a consciencia do reo que d
maiava, chegando ao tribunal da juiza off
dida.

Abriu; dissimulou; deitaram-se.

Encantado com um recebimento tão c
trário ao que receava, pae Francisco ad
meceu, e profundamente. Só velavam no a
sento, a candeia de folha mal desperta, o
gisto da Senhora do Rosario, e a esposa s
tada na cama, e com os olhos acezos c
vados no seu offensor...

*

Esta scena muda deveu ser longa. Qu
phantasie quem tiver o talento dramatic
nós limitamo-nos em historiar.

Depois de porfiosas perplexidades, salt
para o chão mãe Rosa, terrivelmente sul
me na expressão negra do negro rosto, t
gica na attitude, como uma estátua nua
ébano representando a vingança, e mostr
do, a travéz do seu sorriso de triumpl
duas phalanges de dentes de marfim.

¿Irá cravar-lhe um ferro no coração? ¿Como Othello, que afóga com o travesseiro a sua adorada Desdémona adormecida, irá suffocar o despresador dos seus encantos? Não; não é a vida que ella pretende arrancar-lhe.

A faca da sua meza, que tantas vezes cortou o pão entre ambos, não derramará aquelle sangue. O travesseiro, onde tantas vezes commungaram somnos pacificos, conversações amorosas, penas, prazeres, e esperanças, não fará emmudecer para sempre áquelle, que ella não detesta... senão porque o ama. Africana e silvestre na sua cólera, é com os dentes, como tigre, que ella se arremeça de um pulo sobre a sua preza. Quando o infeliz acordou com um grito frenético... não era homem.

.....

*

O dia, que não tardou a alvorecer, achou o casebre deserto de seus dois moradores. A prisão a recebeu a ella; a elle o hospital.

Se escapar da morte, haverá sobrevivido a si mesmo; e quando se tornarem a reunir, será para encetarem uma vida pacifica, e isenta de ciumes.

(Rev. Univ.)

CL

Tapetes económicos

(Julho de 1843)

Já é dado a qualquer o ter a sua sala de visitas com um pavimento primorosamente atapetado, porque o papel pintado, e a chita, não somente suprem o mais lindo tapete ou oleado, mas talvez se avantajam a estas tapeçarias na belleza e duração, e de certo lhes são preferiveis pela notavel barateza.

Sabemos quem n'esta cidade tem duas salas com o pavimento coberto de papel, e outra com elle forrado de chita. O effeito e a apparencia, em todas tres, é do mais rico oleado; e a duração promette ser tal, que uma das salas, contando já dez mezes de continuo uso, sem o minimo resguardo, está como no dia em que o papel foi assentado no soalho. Ainda é de notar, que um piano, arrastado por esta sala, não faz outro estrago no papel, além de um vinco, egual ao que faria arrastado sobre o proprio soalho de madeira.

Julgamos portanto, que será agradavel aos leitores da *Revista* o saberem o modo, e a despeza, de preparar a cobertura de um pavimento com papel ou chita.

*

A primeira condição para atapetar um pavimento com papel, vem a ser a solidez d'esse pavimento; de modo que, se algumas taboas balancearem, é preciso segural-as, para que não se movam quando se andar por cima d'ellas.

A segunda condição, é que as taboas estejam bem sêccas, não importando que sejam mui velhas, e até carunchosas.

A terceira condição, é que o soalho esteja soffrivelmente nivelado; e isto consegue-se desgastando com a enxó, e com a plaina, nas proeminencias e desigualdades resultantes de qualquer empena das madeiras.

Dado pois um soalho com estas circumstancias, principia-se por afogar todas as cabeças dos pregos, batendo-as com um ponção, e por calafetar os buracos d'esses pregos assim como as frinchas ou gretas, com certa massa, na consistencia do betume de vidraceiro, e composta de gesso amassado em agua de colla de marceneiro, de modo que todo o pavimento fique bem nivelado, e egual na superficie.

Com a dita massa se disfarçam tambem, e enchem, quaesquer estragos do caruncho, que por ventura tenham as táboas.

*

Isto feito, depois de sêcca aquella massa, assenta-se o papel, com uma gomma, preparada ao lume, de farinha de trigo e agua, até que fique em consistencia de creme, po-

dendo ajuntar-se-lhe uma pouca de pedra hume pisada, para evitar os estragos de quaesquer insectos. Deve porém advertir-se que, no assentar do papel, a massa deverá ser estendida com abundancia no pavimento, sobre o qual, pouco a pouco, se ha-de ir grudando o papel, o qual se conserva sempre enrolado, para se ir desdobrando á medida que vai sendo collado. Egualmente deve haver o maior cuidado, em que o papel fique bem grudado ao pavimento por toda a parte, e sem fazer rugas.

Assentado e sêcco o papel, prepara-se uma pouca de gomma do Maranhão bem dura, e com esta agua de gomma se engomma o papel duas vezes, por meio de um pincel, devendo deixar-se seccar a primeira engommadura antes de se dar a segunda, e esta ser encruzada com a primeira.

Pronto o papel d'este modo, estende-se-lhe em cima, com um pincel, uma camada do verniz de espirito, com que se costuma por ahi envernisar o papel; e, um quarto de hora depois, está pronto o pavimento para se andar por elle.

*

Os pavimentos cobertos d'este modo não aceitam nódoas, e lavam-se com uma esponja quando se conspurcam. E' util, porém, que a preparação dos pavimentos seja feita na estação do calor, e em dia bem quente; porque, pregando-se o papel em tempo humido, estão as táboas inchadas; e quando depois encolhem sobreveem grêtas ao papel; inconveniente este, porém, que facilmente

se remedeia, ligando as flores ou figuras do papel com tintas semelhantes nos sítios gretados, e estendendo depois gomma e verniz em cima.

De seis em seis mezes convém engommar e envernizar de novo o papel, mórmente junto das janellas e portas, de modo que os pés das pessoas, e os moveis, nunca cheguem a tocar na pintura do papel, mas sim no verniz; e com esta precaução, os pavimentos podem durar lindos por muito tempo.

*

Para cobrir de chita um pavimento, emprega-se o mesmo processo que para o forrar de papel, apenas com as seguintes differenças: a gomma ha-de ser dada em uma consistencia assaz dura, e não bastam menos de tres engommaduras, sendo precisas ainda mais se a chita não fôr bem tapada; e de verniz necessitam-se pelo menos duas camadas.

Comtudo, a chita offerece sobre o papel as vantagens: de ser mais facil de collar sem que fique em rugas, por isso que se estende em todas as direcções sem rasgar; de se poder arrancar, molhando-a com agua quente e sabão, quando se pretenda mudal-a para outra casa; e de não ser tão sujeita, como o papel, a estragar-se nas pinturas, em qualquer ponto onde por ventura não fique bem envernizada.

Por fim, cumpre advertir, que o effeito e apparencia, tanto em relação ao papel, como á chita, depende essencialmente do bom gôs-

to na escolha das estampas; e que todo este processo, que deixo descrito, pode ser feito por qualquer doméstico com mediocre habilidade.

*

Eis aqui a despeza feita em duas das salas a que nos referimos no principio d'este artigo, uma com 32 $\frac{1}{2}$ palmos sobre 21, e a outra com 23 sobre 16 palmos.

De papel	Reis
Colla da Bahia, 1 arrátel	200
Gesso, 9 arráteis	50
Farinha de trigo, 1 quarta de alqueire.....	260
Papel, 10 peças a 880.....	8$800
Gomma, 1 arrátel.....	160
Verniz, 3 arráteis e meio a 550...	1$925
Trabalho	
Somma.....	11$395

De chita	
Gesso, colla, farinha de trigo e gomma.....	665
Chita, 47 côvados, a 60 réis.....	2$820
3 arráteis de verniz de espirito a 550.....	1$650
Trabalho	
Somma.....	5$135

*

Facil é acrescentar ás invenções. Esta primeira ideia, já experimentada com o melhor resultado, poderá sem duvida receber ainda muitas applicacões novas. As paredes, e os proprios forros dos tectos, as mezas, e outros moveis, poderão vir a dever-lhe novos e mui economicos embellezamentos.

(Rev. Univ.)

CLI

Duello em Florença

(Julho de 1843)

O jornal *Le Sémaphore de Marseille* diz que o insigne Alexandre Dumas, fecundissimo dramaturgo e novellista da França e do mundo todo, tivera, segundo era fama, um duello em Florença, e n'elle fôra *assassinado*... conforme as regras da arte.

¿Quem, depois de ler isto, correndo com um relancear da memoria todas aquellas innumeraveis paginas, tão ricas e ainda tão promettedoras, as semanas e mezes de encantamento que por ellas gosou, poderá perdoar ao seu adversario, e a elle mesmo, a brutal e subita destruição de tão altos futuros, de gloria para o homem e para a Patria, de illustração e de praseres para o genero-humano? porque Dumas não podia contar mais de 39 annos.

Deixamos aos defensores do duello o difficil empenho de demonstrar, que um pontinho de honra (provavelmente uma nica, uma tolice, uma palavra mal soante ou mal

entendida) pezam mais que todas estas considerações.

P. S.

Felizmente os jornaes de París contradizem a noticia do *Sémaphore de Marseille.*

A impressão de alegria causada por este desmentimento, em todos os espiritos illustrados, vem corroborar ainda a fôrça do argumento.

(*Rev. Univ.*)

CLII

Duello em Londres

(Agosto de 1843)

Um Tenente-Coronel das tropas britannicas, carregado de bons serviços, por elles e por suas qualidades moraes respeitado e amado de todos, recem chegado a Londres das campanhas da Asia, e, pelas gentilezas de armas que lá fizera, premiado com a ordem da Garrotêa (ou *Jarreteira*, como lhe chamam) tinha uma irman casada com um Tenente.

Suscitou-se entre os dois militares em casa de Fawcett, o Tenente-Coronel, uma altercação sobre o que quer que fosse de boa ou má administração dos bens da casa. Acenderam-se os ânimos, azedaram-se as palavras, o Tenente disse por duas ou tres vezes injurias ao cunhado; este despediu-o de sua casa.

Na madrugada seguinte, n'um arrabalde de Londres, appareceram os dois, com seus padrinhos e medico. Postos a 40 passos de distancia, o Tenente, a quem tocou a primeira sorte, aponta a pistola, dá com o Tenente-Coronel em terra atravessado pelo peito.

Recolhem-se a Londres o matador e os padrinhos; fica só o medico, com o moribundo. Chama se a futura viuva a toda a pressa; chega ainda a tempo de receber os ultimos suspiros. A victima, perguntada quem fôra o seu matador, não revela coisa alguma; attribue generosamente a ferida a um acaso.

Duas expressões devem ser registadas, das poucas do infeliz n'aquellas tres supremas horas da sua vida.

Uma, por vezes repetida, foi:

—¡Não ter eu morrido no campo da batalha! ¡escapar das balas inimigas, para vir aqui morrer miseravelmente!...

A outra foi uma declaração, de que a sua tenção, indo para quelle duello, havia sido não atirar ao seu adversario.

Este facto, esta morte, e todas as suas circumstancias, teem feito em Londres grande bulha. A Justiça abriu, e prosegue com a maior actividade, o processo de todos os culpados: o homicida, os padrinhos, e o medico. O exemplo que n'elles se dará, deseja-se que seja para lembrar.

*

Oiçâmos agora o que, por esta occasião, diz o Redactor do *Atlas* de 8 de Julho:

«Preoccupados com tão recente acontecimento, não devemos commental-o com referencia a pessoas, mormente achando se affecto á Justiça o ingrato dever de averiguar esta tragedia. Não queremos antecipar-nos á Lei, nem predispôr os ânimos.

«Ha comtudo ahi um ponto desgraçadamente incontestavel: um distintissimo e valentissimo Militar, que havia atravessado todas as alternativas e voltas da vida do soldado, foi morto; não na vehemencia da peleja, onde o dever induz a zombar da morte; não em meio do enthusiasmo do combate, onde cada um sabe que tanto póde contar com a vida como com a morte; porém morto depois de tornado á Patria; morto pela bala de um adversario n'um duello.

«Não nos lembra ter havido, ha muitos annos, desastre algum doméstico tão fértil de considerações melancolicas; nem jamais por ventura sahiu de labios militares expressão mais lutuosamente sublime, do que esta mais de uma vez repetida pelo Coronel Fawcett: ¡Não ter eu morrido no campo da batalha!...

«Nem uma vez lhe escapou o nome do seu contrario. No proprio instante em que foi a terra, para nunca mais se levantar, o brioso sentimento de guerreiro se pôz lá dentro de sentinella para não deixar sahir alguma expressão inconsiderada. Aconteça o que acontecer ás pessoas implicadas no desafio, em dôbro lhes doerá o remorso, quando reflectirem no grandioso comportamento da victima até ao ultimo bocejo; e toda a vida lhes ressoarão nos ouvidos aquellas palavras: ¡Não ter eu morrido no campo da batalha!

«E' claro como o sol, que, tanto a posição do Coronel ora finado, como a sua incontestada valentia, o dispensavam absolutamente de aceitar desafios; e não haveria quem se atrevesse, por suspeitoso, a fazer perguntas

sobre os motivos da recusa; mas antes quiz acabar a contenda pelo methodo ordinario, de fusilar, ou ser fusilado; e foi-o.

«Não ha desgraça tão desgraçada, que não venha a dar de si algum proveito; talvez que este infausto successo chegue ainda a ser motivo de um grande bem: d'este exemplo medonho se levantará por ventura uma nova barreira prática á torrente dos duellos.

«Das objecções contra este costume irracional, á fé que não é a menor a insignificancia e ninharia, de que, pelo commum, se originam as desavenças, que veem ao cabo a desfechar em sangue. A mais simples expressão, entre homens de humor irascivel, arrasta ás mais deploraveis consequencias; e no presente caso, parece que uma discussão de familia, entre parentes, levou a tão fatal desfecho.

«Lembrados estarão muitos dos nossos leitores do caso dos dois Officiaes, que ha alguns annos se encontraram a cavallo, e cujos cães começaram a morder-se. Um dos cavalheiros disse ao outro, em termos algum tanto imperiosos, que chamasse o seu cão. —Não recebe ordens quem tem por costume dal-as—foi a resposta; e esse simples encontro acabou em morte.

«Bem sabemos que ha muitos que advogam o duello, e pensam que a sociedede se contém em conveniente disciplina, conhecendo que um insulto pode produzir os riscos de um combate; mas esse é o systema que sinceramente reprovamos.

«Dizer que é uma violação directa da Lei divina parece-nos (¡em mal!) insufficiente

para grande numero dos seus defensores; mas lembrem-se que é um grave mal para a sociedade, e uma falsa defensão da honra.

«Frequentemente se tem repetido que muito mais esfôrço se requer para rejeitar, do que para aceitar, um desafio. Quando porém o homem tem mulher, e familia, diremos mais: não é só reo da sua morte, mas tambem responsavel pelo golpe profundo, com que rasga a felicidade, talvez para toda a vida, d'aquella a quem julgára proteger, e d'aquelles a quem dera existencia.

«Se ha caso em que o duello possa perdoar-se, é sómente o de um joven Official moço, que, recusando o desafio, podesse passar toda a sua vida por covarde. E' erro da sociedade, mas não culpa d'elle.

«Antes de concluirmos estas observações, sobre uma occorrencia que longo tempo será recordada, e que ainda terá de apparecer em Publico com as suas verdadeiras côres, ponderaremos aos militares, que, em muitos e innumeraveis casos, são os padrinhos quem mais severa censura merece.

«Honra (como lhe chamam) e usos sociaes pedem que dois homens briguem; porém não podem brigar sós. Os padrinhos são os que recebem o seu segredo, e dirigem a sanguinaria obra; são os que, geralmente, teem os meios de abrandar os sentimentos exaltados, ou de explicar um engano; são elles os unicos árbitros e presenceadores de um acto deliberado e a sangue-frio, condemnado ao mesmo tempo pelas Leis divinas e humanas, e por todos os principios que indu-

zem o homem a contemplar outro homem como seu irmão.

«Aconselhamos pois, com a mais profunda convicção, que, para prevenir o duello, só hajam de punir-se os padrinhos. Faltando estes, os desavindos não virão ás mãos, porque, sem testemunhas, corriam risco de ser enforcados como homicidas.»

P. S.

Pelos periodicos inglezes recem-chegados consta que, ouvidas testemunhas e examinados documentos, o Jury declarára ao Tenente Alexander Thompson Munroe, e egualmente ás testemunhas ou padrinhos do seu duello com o Tenente-Coronel Fawcett, culpados de homicidio voluntario, como principaes, e em primeiro grau; e George Gulliver, culpado tambem de homicidio voluntario, mas em segundo grau, por só ter assistido ao acto como medico.

(*Rev. Univ*).

CLIII

O Pagem de Aljubarrôta

(Agosto de 1843)

O lindo drama assim intitulado, composição do nosso bom amigo o snr. Mendes Leal Junior, foi representado apenas uma vez, no theatro do Salitre, por curiosos, em beneficio dos inundados da Madeira; o Publico, podemos dizel-o, não o conhece ainda; e os proprios que ahi o viram, podemos egualmente dizel-o, ainda tambem o não conhecem.

De *curiosos*, mas que sejam dotados, como estes, de muita intelligencia e de muito boa vontade, vai muito a *artistas* de profissão, cujos talentos naturaes se desenvolveram pelo largo uso e assíduo estudo. Só estes (e nem sempre á primeira nem á segunda vez) concebem todos os tons e semi-tons dos pensamentos e affectos do autor; e, ainda depois de os bem conceberem, nem sempre logram a fortuna de os exprimir bem.

O drama escrito é (permitta-se-nos a expressão) um como alfôbre muito melindroso de ideias e de affectos, que tem de ser transplantado para um novo terreno, vigoroso, succulento, e apropriado, onde cada plantinha gose do espaço que lhe convem, da luz

e calor que lhe são proprios, do trato intelligente que lhe adivinha as necessidades, e lhe satisfaz todas as condições ; e para esta transplantação, já se vê de que exercitadas mãos se necessita. Onde ellas faltam, embora sobrem juizo e desejos, e as mais excellentes disposições naturaes, muita vergôntea ha-de murchar, por se lhe não terem explicado e estendido bem as raizes ; muita enfraquecer-se, por lhe terem querido dar mais substancia do que a sua indole comportava ; muita cahir, pela não terem devidamente enlaçado com circumvisinhas ; muita esterilisar-se, pela afogarem com as sombras das circumstantes. D'aqui vem a morte subita e inexplicavel de muito drama vivacissimo, e a ressurreição tambem de muitos, que se haviam julgado mortos de nascença.

A esta razão geral, outra acrescêra contra o *Pagem*. A pressa, com que aquelles beneméritos curiosos o levaram á scena, para se não retardar a esmola, que tantos infelizes lá ao longe estavam almejando, vedou que se desempenhassem de seus papeis, como aliás o devêram, e costumam.

Podemos logo dizer, que no theatro nacional da Rua dos Condes se dará *O Pagem de Aljubarrota* «pela primeira vez».

Temos ouvido, que alguns malévolos lhe premeditam uma afronta publica ; não o acreditamos. Seria uma brutalidade temeraria, e inteiramente perdida : o engenho do snr. Leal, e o gôsto do Publico, são dois conhecidos e amigos de largo tempo.

O engenho do snr. Leal foi applaudido, festejado, quasi idolatrado, desde os seus

primeiros passos n'esta agra carreira, que elle encetou imberbe, quasi a braços com a morte, e sem guia nem auxilio de genero algum. Agora que as suas fôrças cresceram, que o estudo o enriqueceu, e a experiencia o aperfeiçoou; agora que os seus dramas são já para o tablado e para o gabinete, para o povo e para os sabios, obras de acção e obras literarias, seria muito tarde para os invejosos conseguirem converter-lhe o sceptro em cana verde; mormente quando os actores, que, depois do seu resgate, se nacionalisaram de vez e para sempre, estão empenhados em dar a mais cabal execução a um escrito, que, sobre ser todo portuguez, pelo autor, pelo assumpto, e pelo estylo, pertence áquelle de nossos talentos, que mais fecunda e felizmente tem trabalhado para a formosa arte que elles professam.

(*Rev. Univ.*)

CLIV

Exemplar de paes

(Agosto de 1843)

Assiste para as partes de Alcantara um velho viuvo... cujo nome calaremos.

Deixou-se este enlaçar nos encantos de uma rapariga, que, fosse qual fosse o motivo, lhe não rejeitou as vassalagens. Offereceu-se para marido, e foi aceito; mas aceito sob condição, de que não ficaria no casal, mais do que o par afortunado. O primeiro matrimonio havia sido fecundo; a noiva, contente de esperar pelo titulo de mãe, repugnava o de madrasta. Ou os enteados haviam de ser banidos para sempre de sob o tecto paterno, ou ella renunciava para sempre o coração que se lhe offerecia. Lutou a Natureza com o amor; foi mais forte o amor, que a Natureza.

Tres filhas, cuja maior contaria seus dezasseis annos, a do meio dez, e tres a mais novinha, foram successivamente expulsas da casa do seu berço, da presença do autor, companheiro, e guarda natural de sua existencia, e lançadas solitarias e sem guia para os desertos d'este mundo.

A' porta de uma casa de gente rica, em

um bairro afastado, estava, dias depois, sentadinha nas pedras, e sem saber o que fizesse, uma menina de tres annos com rosto de muita fome e muito grande tristeza. Chamada a cima, e introduzida á presença da dona da casa, quiz a sua estrella que ali a conduzira, que lhe cahisse em graça. Era a hospedeira sensivel e generosa; a hospedada, bonita, innocente, e sem ventura; em taes casos ata-se invisivelmente um vinculo de parentesco subito, não menos forte, não menos duradoiro, que os de sangue.

Acariciada e interrogada, ¿que informações podia dar de si mesma, quem de toda a linguagem humana pouco mais ainda sabía, do que os beijos? Disse o nome, disse o de seu pae... ¡como se a tristinha tivesse um pae! Perguntada pelo de sua mãe, disse que se chamava *madrasta*. E não disse mais; não sabía mais nenhuma coisa.

Por uma serie de apparentes casualidades que sería longo referir, fez a Providencia que a senhora com a sua protegida descobrisse a irman mais velha já n'outra casa, e por ella soubesse os horrores que deixamos relatados.

Faltava ainda apparecer uma das tres victimas. A essa, nem uma casa, entre tantos milhares de casas, se havia deparado. O lagedo da arcada do Terreiro do Paço era de noite o seu leito; a sua sociedade de dia, a dos rapazes vagabundos, que, enxameando como insectos por essas praças e ruas, são pasquim vivo e perpétuo contra a Policia, e viveiro fecundo, de que mais tarde se veem a povoar as cadeias, as galés, e os degredos.

E tambem esta foi colhida pela mão da caridade, no meio do despenhadeiro por onde já se ia subvertendo.

Ensinae, ensinae a estes tres anjos a supplicar ao Ceo o perdão de quem para amar lhes preferiu um demonio. Para seu castigo bastam as horas amarguradas que o aguardam, para quando o seu leito de noivo se converter em cama de agonisante.

(Rev. Univ.)

CLV

Enigma para as Justiças

(Agosto de 1843)

Na terra chamada dos Conchaes, não longe das abas de Lisboa entre Linha-a-velha e Argéis, amanheceu defunto, a 13 do corrente, um individuo desconhecido.

Deu rebate nas visinhanças a terrivel novidade; affluiu gente de toda a parte. Aquelle rosto, ninguem se lembrava de o ter visto; os seus olhos, já devorados pelos bichos, e o cheiro infecto que exhalava, deixavam suppôr que, homicidio ou suicidio, o crime não era já d'esta noite, nem da véspera.

Alguem se recordou, que vira, dias antes, andar, solitario e scismando, por aquelles montes, um incógnito. Uma mulher, porém, tinha encontrado aquella mesma criatura ainda viva no dia antecedente.

O seu trajo era limpo e grave: sobrecasaca azul, calças de gambrum, collete de duraque, duas camisas, uma de chita, outra de pano patente, suspensorios de seda bordados, botins de polimento, lenço de seda preta ao pescoço, e outro, tambem de seda, a tiracollo, a modo de suspender o braço.

No dia seguinte, ás 10 da manhan, se fa-

zia um ligeiro auto de corpo de delicto na presença do Juiz eleito e seu Escrivão, do Boticario de Carnaxide, e do Cirurgião da Camara, sem autópsia, sem até se despir o cadaver; e requeria-se ao Parocho, para que o viesse tomar para a sepultura. Recusando-se este a fazel-o, sob pretexto de não dever dar á terra benta os despojos de um suicída, mandou-se chamar o coveiro, que n'uma volta de mão o enterrou, sem mais ceremonias, ali mesmo onde fôra achado, e com tudo quanto trazia.

Na mesma paragem se haviam já encontrado, em diversas occasiões, dois corpos visivelmente assassinados. ¿Sel-o-hia tambem este? ¿Forçal-o-hiam a tomar o veneno, cujos restos se lhe acharam ao pé, ou sería esse um mentiroso indicio, posto ali a drede, depois da morte, para arredar suspeitas da verdade? ¿Ou antes, seria um verdadeiro suicidio, livre e espontâneo? Esta ultima hypothese é, quanto a nós, a mais verisimil.

Eis aqui a descripção fiel do logar da scena no momento da achada:

Não longe do corpo estava uma pedra, que por ventura lhe havia servido de assento. Junto d'ella, cahido e meio aberto, um exemplar das *Cartas a Anélio* por José Anastacio da Cunha, encadernado com a traducção da façanhosa carta de Talleyrand ao Papa.

A alguma distancia, uma bilha de barro vazia, e um vidrinho de tres onças, com um resto de liquido turvo, que o Boticario, depois de o escorrer na palma da mão, declarou peremptoriamente ser arsénico dissolvido em agua. O cadaver jazia de costas para o

ceo, com os pés para a pedra, e para o livro, a cabeça dirigida e voltada para a bilha. Para baixo d'elle a terra offerecia vestigios de por ali se ter rojado; para cima d'elle apparecia agatanhada como de mão, que forcejára por fazer preza para arrastar o corpo; e com effeito um dos braços estava ainda estendido contra a bilha, e com os dedos cravados no chão. N'aquella ancia o havia tomado a derradeira angustia.

Nada mais se viu, e nada mais se soube.

¿Mas n'isto, só, não estará já um profundo e prestantissimo tratado de philosophia para os educadores de crianças, e para os educadores dos povos?

¡O veneno physico, a dois passos do veneno moral! ¡Das *Cartas de Anélio* para o arsenico! Entre elles... um cadaver. A diante, se não um remedio, pelo menos um refrigerio, visto, cubiçado, diligenciado, perto, á mão... ¡e inaccessivel!...

¡Deus tenha misericordia da alma do desconhecido, e não carregue mais este crime á custa dos escritores impios!

(*Rev. Univ.*)

CLVI

A pomba e o abutre

(Agosto de 1843)

Quasi todos os papeis publicos transcreveram do *Portugal velho* o caso de uma donzella fugida do Paço Real.

Levantaram-se sobre isto altos clamores, contra ella, contra o seductor, contra a perda da proverbial gravidade do Palacio portuguez.

Sentimol-o, e calámos. Era assumpto melindroso; para relatar e sentenciar, careciamos ainda de evidencia. Hoje suppômo-nos habilitados para rectificar e completar a narração de um sucesso, que, devida ou indevidamente, já cahiu no dominio do Publico, e não é possivel extorquir-se-lhe da memoria.

*

No palacio velho da Ajuda vegetam ainda umas cincoenta (ou mais) solitárias, que, opprimidas dos annos e das molestias, recebem da caridade da Soberana o pão, pelos serviços que outr'ora prestaram ás Rainhas e Princezas suas ascendentes. São os ornamentos partidos e desfigurados de um seculo

que desabou, para nunca mais ser reconstruido.

Todas estas mulheres são tristes, como reliquias de tempos festivos; saudosas, ou antes saudades, d'ellas mesmas. A presença de todas e de cada uma aggrava, a cada uma e a todas ellas, a melancolia do crepusculo da morte, que já lhes vem anoitecendo.

Todo o reboliço, todas as quotidianas transformações materiaes, moraes, e politicas, da visinha Capital, onde já foram vivas, moças, e brilhantes, ou não chegam ali, ou só chegam como uns contos vãos e longinquos, como sonhos de coisas passadas em outro planeta. ¿Que teem ellas que ver no berço que se aparelha para uma nova edade, ellas, que já pendem para o sepulcro, a contemplar no fundo d'elle tantas coisas louçans e vivazes que lhes pertenciam?!

*

Entretanto, no meio d'este palacio de tristezas, volteava ainda um raio de sol. Um arbusto florejava púrpuras no meio d'este cemiterio. Uma avesinha cantava primavera entre o desconsôlo d'estas ruinas. Uma viração deliciosa fazia ás vezes sussurrar agradavelmente estes musgos ressequidos. Tudo isto era a joven Maria, lindeza de dezoito annos, lindeza corporal como poucas, lindeza de espirito como ainda menos, lindeza de coração como quasi nenhuma.

Sobrinha e companheira de uma d'estas velhas, companheira e amiga de todas ellas, Maria era realmente o feitiço, a vida, e o

encantamento, d'aquelle retiro sem porvir.

Toda a casa a amava; era uma paga de dívida: Maria queria-lhe muito. Quasi que ahi abrira os olhos; pelo menos, outra nenhuma lhe lembrava. Sob aquelles tectos brincára desde a edade de tres annos; entre aquellas cabeças encanecidas se fôra coroando a sua de longas tranças loiras; entre o crescer de tantas rugas se desenvolveram e aperfeiçoaram as suas graças; entre o progressivo decahir de tantas prendas e esperanças, como as folhas verde-pallidas que em pomar de outono se despegam uma a uma, os seus talentos naturaes, por uma desvelada educação, que a munificencia da senhora D. Maria I proporcionára a sua tia os meios de lhe dar, tinham chegado ao seu maior auge.

Maria do Carmo reunia ás prendas manuaes, proprias do seu sexo, um ler e escrever primoroso, noções e gôsto de Literatura (mormente da franceza, em cuja Lingua era mui versada), e Musica, merecendo no piano as honras de mestra; e, por corôa de elogio verdadeiro, os seus costumes eram puros, e o seu coração religioso. Nas orações, que todas iam quotidianamente depôr aos pés do altar, as d'ella deviam rescender mais a innocente alegria, que a temores ou remorsos.

A 25 de Junho orava no côro com sua tia, quando o relogio dos paços bateu as 6 da tarde. Levanta-se; pede licença para deixar o restante para depois, e ir entregar, que o prometteu, um debuxo de bordados a uma sua amiga fóra da casa.

Foi; correram horas, e não voltou.

*

Começaram e cresceram cuidados. Mandou-se á busca por todas as partes. Passou o serão, passou a noite, e.... passaram tambem dias, sem que a tornassem a ver, nem a ouvir d'ella nova alguma.

N'essa tarde, alguem se lembra de ter notado uma sege parada debaixo de uma arcada do Paço; e um morador da casa acrescenta que, perto da noite, achando-se no Caes do Sodré, vira chegar uma sege á porta de uma hospedaria, e um homem de chapeo branco apear uma menina, que lhe pareceu ella....

*

Devolvidos quatro mortaes dias, chega no domingo um Gallego com uma carta para a consternada tia; entrega-lh'a em mão propria; e ajunta havel-a recebido de uma menina mui linda, que, lavada em lagrimas e afogada em soluços, lhe recommendára fosse leval-a correndo, e lhe trouxesse signal de ter sido recebida.

O conteúdo d'esta carta ninguem o soube, mas parte d'elle facilmente se pode presumir.

A's 9 horas d'essa mesma noite, viram-se sahir pela portaria dois vultos rebuçados, que, por mais que a porteira os interrogasse, partiram sem dar resposta.

A' hora e meia da noite os mesmos dois vultos vieram bater á porta, trazendo entre si, amparado e quasi em braços, um terceiro, que ninguem reconheceu. Abriram uma porta, que havia muito não servia, e que dava

passagem para a poisada da fugitiva, e entraram.

*

Pessoa do sitio, por quem isto soubemos, nos acrescentou, que o estado de Maria na seguinte manhan (segundo lh'o descrevêra quem acabava de a ver) cortava o coração. As suas tranças loiras e espêssas tinham desapparecido; o seu rosto pendia pallido e esmorecido; duas fontes corriam dos seus olhos; a sua dor via-se, e era terrivel porque era muda.

As suas occupações, desde então, teem sido orar, e chorar. Com isto leva no oratorio as horas do dia e da noite, abraçada com a Imagem da Consoladora dos afflitos, beijando-a nos pés, nas mãos, e no rosto, como filha a sua mãe; como filha pródiga, que procura, á fôrça de se restituir toda, reconquistar o coração materno; ¡como se o coração materno se apartasse nunca!

O pae agravado, perdoa; a mãe não; toda ella foi sempre amor; e o amor não sabe senão amar.

*

A unica pessoa, que além de sua tia a tem visto, é o Medico, alma sensivel, de quem recebe os soccorros mais assiduos e delicados.

Entretanto, o mal que a mina é grave. Quasi privada do alimento e do somno; os seus dias parecem ameaçados de um fim prematuro. Se a violencia mesma da sua dor lhe não limitar em breve a duração, outro perigo (pouco menos cruel que o da morte)

parece ameaçal-a. O pranto continuo que afoga os seus olhos, receia-se que venha por ultimo a lh'os apagar, e que a pobresinha, que ainda ha pouco era o raio de sol de toda a habitação, venha ainda a ser, mergulhada em trevas e sobrevivendo a si mesma, um objecto de profunda e estéril compaixão para tantas infelizes, a quem ella, pouco ha, repartia alegrias e emprestava mocidade.

E agora... ¿quem a condemnará por um erro, cuja origem e historia nos são desconhecidas ?

¿ Quem a apedrejará, entre os braços, sob o manto, e sob os olhos, da Rainha dos Anjos, que lhe deu o seu nome, lhe chama filha sua, e com a vista serena e amorosa lhe está apontando para as alturas ?

¡Que delictos e crimes (quanto mais erros) deixariam de se lavar com tantas lagrimas !...

*

¡E ha entretanto aqui um homem, talvez entre nós, talvez festejado e respeitado, um homem que ella generosa não nomeia, não nomeará nunca, um homem cujo rosto, mais duro que o de Caim, se não transformou, se não tingiu de repente na côr da sua alma, para o denunciar como sacrificador da innocencia, da virtude, da formosura e do amor, de um amor irresistivel, inspirado por elle, e que a elle sacrificava tudo, até a vida, tudo, até o porvir, tudo, até a honra!!...

¡Ha ahi um homem d'estes!!...

Ha o sem dúvida. E se as Justiças o descobrissem... ¡este homem receberia uma

pena menos afrontosa que a do ladrão assassino!!...

Este homem não havia de ser mandado, por todas as cidades e villas do Reino, de braço-dado com o carrasco, para ser atado a cada peloirinho, escarrado no rosto por todos os homens e mulheres, e esbofeteado depois pelo seu, menos infame, companheiro de jornada, com a mão esquerda.

Não. ¡Que importa o que padece uma mulher!? Não crêsse nas palavras de quem a fascinára; não fôsse moça, innocente, e amante; não fôsse mulher. As Justiças da sociedade teem mais coisas em que pensar.

E de mais: ¿não se vê ísto todos os dias? ¿Não são conhecidos muitos outros, que tambem matam assim o tempo com estas *caçadas amorosas*, que o confessam com vangloria, e que em companhias mui luzídas são por isso admirados e invejados?

Tratemos dos «interesses materiaes.» O restante... são chyméras, são fanatismos, são miserias indignas da attenção de legisladores, e dos homens illustrados de 1843.

(*Rev. Univ.*)

CLVII

Admiravel e preciosissimo methodo de illuminação

(Setembro de 1843)

Depois de tantas tentativas, como n'estes ultimos annos se teem feito, com mais ou menos exito, para augmentar a claridade artificial, diminuindo o custo d'ella, apparece agora um invento, que, se responder aos pregões que d'elle se levantam, satisfará aos mais cubiçosos.

O autor é o D.or Pelletan A descripção e desenhos da machina por elle inventada podem-se ir ver na *Polytechnic Review*, ou no *Courrier de l'Europe* de 12 do passado.

Com esta declaração, nos damos por desobrigados de transcrever para a nossa folha as gravuras, e os pormenores do artigo que as acompanha. Os especuladores que desejarem explorar a nova mina, já teem o caminho aberto.

Em summa, só diremos, que o invento do D.or Pelletan, a que já foi concedido privilegio, proporciona a luz, ou luzes, com a intensidade ou profusão que se deseja, mais baratas que a do azeite, e a do gaz até agora usado, sem grandes trabalhos para as pre-

parar, sem nenhum perigo de explosões, sem nehum prejuizo para a saude, sem nenhum incommodo para o olfato, sem nenhum estrago nos doirados ou côres melindrosas que houver na casa.

O aparelho para esta feitiçaria scientifica pode ser fixo em qualquer parte da habitação, e ir ramificar a claridade por todos os quartos d'ella; ou, se mais quizerem, portátil.

Pode-se applicar ás salas, ás fabricas, aos theatros, ás ruas e praças, aos navios, aos faroes, a tudo; e finalmente, recebe por alimento o que na terra onde o tiverem fôr mais abundante e barato: no norte da Europa, e na America, materias resinosas, que por vil preço se mercam; em Italia, a naphta, que até ao presente para nada tinha servido, e nada valia; nas terras de vinhas, como esta nossa, a aguardente; na propria Inglaterra, finalmente, onde a illuminação de gaz tem subido ao maior apuro, combinações acertadas de diversos liquidos estão promettendo talvez, que por este meio se conseguirá uma economia de 70 por cento.

Um aparelho para 20 luzes tem apenas 6 pés de altura, 4 de largura, e 3 de comprimento, e gasta n'um serão inteiro, de lenha ou outro qualquer combustivel, obra de 30 reis quando muito; e de naphta, ou espirito de therebentina, que produzem o gaz luminoso, coisa de 400 reis, em Londres, já se sabe, onde tudo custa mais.

A theoria (para a apontarmos em duas palavras) é simplicissima:

Uma fornalha; em cima d'ella uma cal-

deira, com o liquido, ou liquidos que se hão-de evaporar. Esta caldeira é o coração da machina; e o sangue, que d'ella sai, e para ella torna a entrar depois da circulação; é o fluido luminoso; para o quê, ha um systema duplice de canaes, que sobem da caldeira para as grizetas, e que redescendem com o fluido, depois de condensado, para a caldeira; artérias e veias. Tudo isto, o abrir e fechar valvulas a tempo, o conservar o lume acezo, ou apagal-o apenas deixa de ser necessario, lá o faz a machina por si mesma, sem hesitação, nem equivocação, nem rebolíço, nem contingencia alguma de desastre.

E' um dos mais bellos inventos da Mechanica: um autómato, não para pasto vão da curiosidade, mas para servir muito realmente ao homem.

(Rev. Univ.)

CLVIII

A Infanta D. Sancha

(Setembro de 1843)

A 11 do corrente achava-se a egreja de Santo Antonio da Sé ricamente armada de preto, e com um sumptuoso mausoleo coroado. Celebrava-se n'ella um officio funebre, com excellente musica vocal e instrumental.

Eram os suffragios, que annualmente faz a Camara de Lisboa, pelo descanço da alma da senhora Infanta D. Sancha, de quem o Municipio herdou as terras do Alqueidão, que ainda ao presente possue e administra.

Esta pontualidade no cumprimento dos contratos com os mortos merece apontada e louvada, como coisa rara n'estes tempos que vão correndo. Aceite pois a Camara Municipal de Lisboa os nossos sinceros agradecimentos, pelo bom exemplo que n'isto dá a todas as do Reino. São agradecimentos desinteressados, livres, ingénuos, e de tão boa vontade escritos, quanto já nos fôra doloroso, em o nosso artigo 1:807 (*A Cidade e o seu Padroeiro Santo*, artigo communicado) o accusal-a e convencel-a de desprimorosa em outro objecto semelhante.

O espirito de philosophia christan, de phi-

losophia *philosophica*, tem feito (não ha negal-o), e vai fazendo, progressos, de que, para o diante, não pouco hão-de vir a ajudar-se a moral e a civilisação.

Mas, já que viemos a agradecer á Camara de 1843 os seus testemunhos de respeito para com os finados, na pessoa (ou antes na memoria) de uma piedosa Princeza de outras eras, lembremos-lhe que no extinto convento de S. Francisco jazem, em indecente desamparo e desprezo, mettidos n'uma pequena arquêta, os despójos mortaes da mesma senhora, a quem annualmente festejam com tamanha pompa. A continua revolução em que teem andado n'aquelle edificio as pedras, a terra, e os ossos, bem poderá continuar a sumir tambem estes, com perpétua vergonha da nossa edade.

Acuda-lhes a Camara em quanto pode, e traslade-os, com mais edificante veneração, do que arruido e apparato dispendioso, para o seu historico e devotissimo templo de Santo Antonio. Dar-nos-ha materia para novos e mais altos agradecimentos.

(Rev. Univ.)

CLIX

Bibliotheca de Braga

(Setembro de 1843)

E' geralmente sabido que este estabelecimento nacional, para cuja *immediata* organisação fôra autorisada a Municipalidade de Braga pela carta de lei de 13 de Julho de 1841, e que progrediu consideravelmente sob a direcção da Camara d'esse biennio, chegando a fazer-se no edificio, que lhe foi destinado, uma boa parte das obras necessarias para a acommodação de 25 a 30 mil volumes, que ali se acham accumulados, collegidos de vinte casas religiosas pelos exforços da mesma Camara, ficou totalmente paralysado, com gravissimo deterimento de tantas preciosidades literarias, e da instrucção pública, desde que entrou em exercicio a Camara actual, não obstante ter-lhe sido legada pela antecedente a quantia de 1:182$000 réis, expressa e privativamente destinada á continuação d'aquellas obras.

Não é menos notório, que o verdadeiro, e unico, motivo d'esta culposa negligencia da Camara foi uma desavença, mesquinha e desarrazoadissima, do Presidente da Camara com o Bibliothecario, por se haver este

recusado a admittir um servente, que aquelle protegia, com exclusão do actual, contra toda a justiça e humanidade.

Muito é para lamentar, que a sorte de um estabelecimento público de tamanha importancia haja sido escandalosamente sacrificada a mal entendidos caprichos, e á vingança d'aquella Camara contra um individuo, cuja probidade e merecimento literario são incontestaveis.

Em nosso poder existem mais que sobejos documentos, que nos habilitam para julgar este negocio, cujos pormenores publicaremos opportunamente.

Queremos todavia esperar que a illustre Camara, esfriados os odiosinhos particulares, de que o Público innocente não deve soffrer as consequencias, reconsiderado com sizudeza o que está feito, mas não é irrevogavel, e mais desejosa de grangear honrada fama de boa administradora, do que vanglórias de pueril e mulherilmente pertinaz em pontinhos de falso crédito, dará o nobre exemplo de renunciar a victoria mal ganhada.

O não cahir, é bello; mas o levantar-se, é heroico.

(*Rev. Univ.*)

CLX

Emigração
de antigualhas portuguezas

(Setembro de 1843)

Escreve-nos o snr. M. de S., que, passando
la Batalha o actual Representante da Prus-
a n'esta Côrte, fidalgo mui versado e in-
lligente em materias artisticas, comprára
or 72$000 réis, com a condição de lh'o pô-
m em Lisboa, o rico portal de cantaria da
nella de uma casa antiga, visinha do lado
querdo do Mosteiro monumental.

Doe-se o nosso correspondente, de que,
avendo por ali passado tantas pessoas por-
guezas, ricas, poderosas, e entendedoras,
nenhuma occorresse aproveitar aquella for-
osa peça de Architectura, para a não ver-
os ir agora (¡e por tal preço!) para terras
trangeiras.

(*Rev. Univ.*)

CLXI

O diabo no corpo

(Setembro de 1843)

Nas supersticiosas crenças populares—pon-
ra o nosso correspondente de Torres-No-
s, o snr. A. X. Rodrigues Cordeiro—al-
mas ha poeticas e festivas como a terra e
ma que habitamos, e que, por não dam-
rem a coisa alguma, bem podem ser per-
adas, e até favorecidas da philosophia. Ou-
as, porém, que são de indole sombria, e
aléficas influencias, merecem bem ser ex-
rminadas.

As primeiras são poesia e flores; as se-
ndas, superstições, abrólhos, e venenos.
Descriminadas bem estas das outras, o mo-
o efficaz de as acabar não é monteando-as,
perseguindo-as a ferro e fogo, mas indo
etter a luz pelas brenhas e covís bravos da
norancia e rusticidade, onde se ellas acoi-
m e medram. A violencia fortifica-as; só a
aridade as mata.

Este allumiar pertence a todos, não só aos
beças espirituaes; e corre como obrigação
recípua, rigorosa, e apertadissima, por con-
dos jornalistas, que devem ser uma espe-

cie de *decuriões* na ampla escola de *ensin mútuo* chamada Povo.

O caso que o snr. Cordeiro nos relata, a gue uma d'estas superstições damnosas, qu importa extirpar por via da illustração; e po isso, de boa-mente o repetimos.

*

A 1 do corrente, pela volta das 11 hora estava a praça de Torres-Novas cheia de ge te aldean e camponeza, que tinha, pela maic parte, sahido, havia pouco, da Missa da M sericordia; quando de repente, um d'aquelle homens foi atacado de uma epilepsía.

Em quanto o desgraçado se rolava, pa mava, e se extorcia, ¿que fazia aquella mu tidão? ¿Acudia-lhe? ¿tirava-o, ao menos, d ardencia do sol para alguns recôbros de son bra? Cercava o de longe, agitava-se e fu gia a qualquer movimento que lhe via faze

A opinião que mais abundava por aquelle cerebros ronceiros, e em parte avinhado era de que o miseravel estava possesso d diabo. Outros tinham para si, que era a ma do Outro-mundo obrigada a restituição que se lhe encaixára no corpo; e, em quan se ellas não fizessem, tinha de andar pena do; e por isso senão afoitavam a il-a re qu rer da parte de Deus para que falasse, medo de que fosse desmesurado o calot e a sua responsabilidade viesse cahir costas do inquiridor. Quasi todos clam vam, á uma, que, pelo sim pelo não, se ma dasse chamar o Parocho para o exorcisma

N'estes alváres comicios se estavam deb

tendo, quando, tornado em si, o doente se pôz em pé, todo desfigurado.

«¡Que de seculos não teem decorrido desde os Romanos até nós!—observa o mesmo correspondente—¡ e ainda se renova uma scena d'estas, de que a propria Roma pagan já se poderia envergonhar!»

Quando tal entre os Romanos acontecia, em acto de comicios no Campo-márcio, interrompiam-se estes para logo, e se espaçavam para outro dia, porque d'essa quéda súbita sacava o Povo fanático ruins agoiros; d'onde veio e se conserva á epilepsia o nome de «enfermidade dos comicios», *morbus comitialis.*

Que então se favorecessem, muito de industria estas e outras semelhantes abusões, bem podia a Politica do Estado requerel-o; a da nossa edade, porém, deve antes querer-se com as verdades.

(*Rev. Univ.*)

CLXII

Um homem duplicado

(Setembro de 1843)

Havia vinte annos, que um filho do snr. Pedro Antonio dos Santos, negociante d'esta cidade, tinha abalado para o Brazil a procurar fortuna. Vinte annos de ausencia de pae e filho devem carregar tamanho pezo de saudades, que o resistir-lhes nos parece fôro de impossiveis.

Em um dos dias do mez passado, surge no Tejo um navio do Novo-mundo Desembarca um passageiro, corre a casa do snr. Santos, pergunta por elle com alvorôço, não o acha, espera. Ninguem da familia o conhece.

Chegado o snr. Santos, dirige-se á sala, e encontra... seu proprio filho, que se lhe lança nos braços, o beija, o acaricía, o opprime de perguntas atropelladas, de relações interrompidas, e novamente de abraços. Eram saudades de vinte annos, em explosão.

Pondéra um moralista abalisado, autor de *máximas*, que até nas maiores desgraças dos nossos maiores amigos ha sempre alguma

coisa que nos agrade. Duvidamos nós; mas... poderá ser assim. O que porém temos por certissimo é que, ainda nos mais desenganados lances de ventura, ha sempre o que quer que seja que nos entristece. A mistura do triste com o alegre era n'este caso a grande mudança, que o rodear dos annos tinha feito no rosto e voz dos dois personagens. O pae recebia homem maduro, ao que vira partir mancebo O filho encontrava já velho, ao que tinha deixado só maduro.

Entretanto, os olhos e ouvidos para logo se acostumaram, de parte a parte, a tamanhas novidades; e como por dentro os affectos não tinham envelhecido, e os negocios domesticos, sobre que versava a conversação, eram mutuamente comprehendidos, a mais perfeita intimidade se restabeleceu de repente entre os que, tendo o mesmo sangue e o mesmo nome, não eram, verdadeiramente, e segundo a Natureza, dois, mas eram um só individuo.

Reinava na casa a alegria; vinham visitas e parabens; o pae fazia (como diriam) as *honras* da casa e da cidade ao recemchegado, divertia o, presenteava-o, e regalava-o como quem era. Havia no casal a legitima da mãe já defunta; entregou-lh'a, para com ella continuar e dilatar o seu commercio.

N'isto iam, e iriam por muito tempo, se a zombeteira da fortuna não mandasse ás mãos do velho uma carta fresquinha do Brazil, escrita pelo punho e com a assignatura do filho, que lá estava, e se conservava muito ao seu dispôr, e sem nenhuma tenção (por ora) de se tornar ao Reino. Com este

apparecimento de *Sósia* desappareceu o *Mercurio*, e com elle os 5:000 cruzados da materna legitima.

A *voz do sangue*, de que resam os dramas e novellas, tinha d'esta vez falhado... como uma prophecia de jornal politico.

Ha muitos annos, que do Brazil não vinha uma *arara* como esta...

(*Rev. Univ.*)

CLXIII

Serpente no Paraiso

(Setembro de 1843)

As marchantes e magaréfes dos açougues de *carne feminina*, vão augmentando, pela impunidade, o seu por tantos modos ruinosissimo tráfico e commercio. Por isso vemos crescer todos os dias esses covís, fócos de corrupção physica e de contagio moral, que já cobrem (como lepra) grande parte do aspecto ás grandes cidades.

Como se não bastassem, para atulhar prostíbulos, a má ou nulla educação, a pobreza, os exemplos práticos da devassidão, a licença e anarchia dos prelos e theatros, o entibiamento dos vinculos religiosos, as falsas accepções do santo nome da Liberdade, e a propria ardencia do sangue nos irreflexivos e tempestuosos annos da adolescencia, ha ainda mulheres, oppróbrio do seu sexo, e duas vezes oppróbrio de suas cans, mulheres mais vazias de alma que os mesmos traficantes de escravaria, que, astuciosas e refalsadas, empregam todas as artes para embahirem a innocencia, e afogal-a no pégo dos vicios, onde ellas mesmas, no seu deli-

rio, queriam poder ainda afogar-se novamente.

E estes espiritos de trevas sabem vozes de reclamo, a que as doidinhas se rendem como fascinadas; e a sua rêde de infame caça se enche; os compradores acodem; e entre demonios e furias se ajusta, e consuma, venda e perdição de anjos; e ao tinir das moedas, primeiro de oiro, depois de prata, depois de cobre, todas as alegrias das victimas se vão esvahindo uma a uma, como todas as suas virtudes.

A sua memoria refoge do aspecto do passado, cujo sorriso sereno as confunde; e o seu entendimento treme de encarar o porvir, onde as aguarda prematura decrepidez sem sustento, sem vestido, sem cama, sem consideração, e sem filhos, sepultura sem lagrimas, e horisontes de eternidades sem luz.

¡E toda esta cadeia inquebravel de infortúnios, forjou-a (sabendo que a forjava), forjou-a (sabendo o pezo d'ella), forjou-a para quem jamais a não tinha offendido, para quem não sabia offender, para quem talvez ia já sentar-se ao banquete da felicidade... uma mulher!!...

*

Este quadro não exagerado, se não ainda de indústria enfraquecido, porque não queremos profanar olhos castos e inexpertos com a revelação de mais asquerosos mysterios, deveria andar presente de contínuo aos ânimos dos que fazem Leis, e dos que as applicam; dos paes, que são os magistrados das familias; dos Parochos e Prelados, que são os paes de-familias dos Povos; e dos es-

critores, cujo mistér é uma infamia todas as vezes que não é um sacerdocio. Apontar para ali é uma obrigação, é uma necessidade incontestavel, imperiosa, absoluta, já immensa e ainda crescente. Cada dia, e quasi cada hora, nol-a demonstra com mais evidencia.

*

Recente é o caso, que de uma acreditada folha, publicada na segunda cidade do Reino vamos resumir.

Vendia leite pelas ruas d'aquella cidade uma moça, cuja formosura levou os olhos e os desejos a um d'estes *caçadores*, que nunca faltam nos grandes povoados. Frustradas naturalmente algumas primeiras diligencias para a haver ás mãos, encommendou este o negocio a certa mulher, moradora na rua das Liceiras, e famigerada por sua habilidade para taes empenhos. Foi o mesmo que mostrar a garça ao falcão, e soltal-o.

Passava de manhan cedo pela rua a descuidosa de amores, soltando a espaços, com a sua voz melodiosa, o pregão da sua mercadoria, alva e pura como a sua innocencia, quando de uma janella a chamaram. Entrou; fecha-se a porta; a velha que a introduziu, desappareceu. Vê-se na casa, só e indefeza, com o seu perseguidor.

«A victima—diz o jornalista—lutou terrivelmente, e gritou, a ponto que a visinhança acudiu; e a desgraçada sahiu d'esta casa infame, lavada em lagrimas, e gritando á voz d'el Rei. O crime commetteu-se; ¡e a Policia tem no orçamento a verba respectiva!»

(*Rev. Univ.*)

CLXIV

Fortuna saloia

(Outubro de 1843)

Um saloio fazendeiro, d'estes que passam a manhan correndo as ruas da cidade, a apregoar as hortaliças que o seu quadrupede companheiro pacientemente Ines carréta, deixára-se tentar, domingo ultimo, por uma d'essas sereias de véstia, que a Policia deixa andar, convidando e desafiando o povo para os tentadores cinco contos de reis da «roda» que principia a andar; e comprou-lhe um bilhete por 9 cruzados novos.

Tornado a Lisboa na terça feira, dia segundo da extracção da lotaria, ouve apregoar a sahida do premio grande. Consulta o numero. ¡ E' o seu!...

*

Não procuraremos descrever o alvorôço do bom homem; foi um espectaculo para o povoléo da Praça da Figueira, onde se então achava. Começou por atirar com o chapeo ao ar, com vivas... como quem festeja a chegada de uma *Constituição* nova, que promette edades de oiro, e o cumprimento dos livros da Sibylla. Metteu os braços á

carga das cebolas e nabos, e atirou tudo a quem o quiz apanhar.

Um rapaz, aproveitando aquelle primeiro momento, em que o enriquecido se não lembrava ainda de ser mesquinho, pediu-lhe o burro. O saloio, semelhante ao Nemorino, de Florian,

Si, passant près de sa chaumière,
Le pauvre, en voyant son troupeau,
Ose demander un agneau,
Et qu'il obtienne encor la mère,
Oh ! c' est bien lui ; rendez-le moi ;
J'ai son amour, il a ma foi !

deu-lhe o burro, e mais as cangalhas, e dar-lhe-hia até um beijo, se lh'o elle pedisse.

Correu ao primeiro rebatedor, a realizar o seu sonho doirado. Em quanto lhe contavam o dinheiro, mais de uma vez se benzeu, e exclamou :

—¡Nunca pensei, que houvesse tanta moeda n'este mundo !

*

Voltando para a terra, mais carregado do que de lá sahira, diz-se que, por entre os alegres projectos que ia fazendo, de comprar tudo quanto conhecia, e de se casar a final com alguma fidalga, pobre mas muito bonita, algumas vezes tambem se lembrára, de que a vida afortunada, que diante se lhe abria, ia por ventura trazer-lhe mais cuidados, e mais verdadeiro trabalho que o seu trato das cebolas.

Ao seu Prior disse elle sobre isto uma

grande sentença, em forma de derivação (ou *calembur*, como lhe chamam os bem falantes), sentença, que bem nos deixa suppôr que a riqueza poderá até criar *espirito* em quem nunca o tivesse; e foi esta:

que uma *burra*, que não sai de casa, dá muito mais labutação a seu dono, que um *burro*, com que se corre as ruas da cidade.

(*Rev. Univ.*)

CLXV

S. Martinho

(11 de Novembro de 1843)

¿Por que é S. Martinho o padroeiro da bebedice?

¿Em que mereceu (ou desmereceu) para ficar nas vezes de Baccho entre gente christan?

Procurámol-o, para podermos dizer que tinhamos, tambem nós, desenterrado uma origem, como Catão; mas sahiu-nos baldo o empenho.

S. Martinho, que floresceu em letras, virtudes, e milagres, pelos tempos do Imperador Constantino Magno, e cuja vida nos ficou escrita por seu discipulo Sulpicio Severo, nem quando soldado, que a principio foi, contra vontade, se toldou jamais com o vinho; e, depois de Religioso, e Bispo de Tours, na França, foi sempre exemplar de sobriedade e penitencia. O seu banquete, era orar no ermo; as suas festas, comesáinas, e descantes, acudir aos pobres, e demolir os templos da gentilidade, que mais e melhores sombras davam a essas coisas.

¿Por que, logo, em toda a superficie d'este pampinoso Paiz, o seu dia, por posse imme-

morial, se desata e desfaz todo em banquetes nas cidades, em magustos nas eiras e viellas das aldeias, em saudes e trovas de beberronía, em sermões de chula, em ladainhas de chanças, em destempêros de bandurras e bailados?

A estas perguntas, só com outras perguntas se pode responder.

¿E por que é S. João o invocado na mais alegre e namorada noite do anno? ¿E por que é Santo Antonio o bemquisto de moços e donzellas? E por que é S. Gonçalo o casamenteiro das velhas, e o florído visitador das hortas?

Nenhum dos tres foi menos solitario, sisudo e penitente, que S. Francisco, S. Bruno, ou S. Jeronymo, de quem folgasão nenhum jamais fez conta.

*

Como quer que seja, os convites e bródios do S. Martinho lá nasceram em França pouco depois da sua morte, e de lá se derramaram, com o seu culto religioso, não só por todo o Occidente, mas tambem pela Grecia e mais Egreja oriental, não obstantes as esquivanças, que sempre lá toparam os Santos (até maximos) do romano calendario.

Entraria pois em Portugal o uso da folgança de S. Martinho, logo nos primeiros dias da Monarchia, se já antes não era vindo. Tral-o-hiam a primeira Côrte franceza, e os aventureiros, senhores e bispos, que por essas eras para cá se trasladaram, com tantas outras coisas de seus costumes, de seus trajos, e de sua Lingua.

O que é certo é que de *S. Martinho* se denominam muitas terras antiquissimas, e não poucas egrejas, cuja data até das memorias se apagou.

*

A profanidade da festa de S. Martinho chegou quasi a ser profanação em muitas partes da Christandade. Tal era o desconcerto e devassidão que n'ellas corria, que o Papa Urbano VIII, para lhes tirar o aso, tentou supprimir totalmente esta solemnidade por uma bulla, que porém não chegou a effeito.

No reinado de D. Diniz, quando tantos restos se aboliram dos costumes pagãos, que para ahi tinham ficado, e reverdecido, dos Romanos, como as *janeiras*, e as *maias* de poetica e saudosissima memoria, levou tambem este um grande córte.

A festa *do Imperador*, representado por um menino, que ainda hoje em dia se faz pela Paschoa do Espirito Santo em muitos logares do Reino, tem-se que a introduzira piedosamente Santa Isabel, para com ella supprir ao Povo, que não demitte facilmente heranças taes, a outra, de largos annos costumada sob o titulo de *festa do Bispo innocente*, o qual (posto que innominado) não devia ser outro senão S. Martinho, a quem esse cognomento se applicava. O cachopinho que figurava de Bispo, levava mitra e bago, lançava bençãos, e na sua pessoa se escarneavam, com as chacotas e truanices dos beberrões da sua Corte, usos do Catholicismo, e o caracter episcopal; rasão, pela

qual a piedosa Rainha quiz antes que fosse a majestade das coisas terrestres a apupada, transformando a *tiára* em *corôa*, e o *Bispo* em *Imperador*.

D'então para cá, a festa profana de S. Martinho ficou reduzida á tradição do beber, comer, e bailar.

*

Em poucas partes ha já o que chamam a *Irmandade do Santo*. Compõe-se ella dos bêbados conhecidos da terra, tendo por maioral o mais chapado de todos elles. A eleição das dignidades, juizes e juizas, mordomos e mordomas, fazem-n-a alguns dias antes.

Na véspera reunem-se para cear, sendo o escote dividido e pago por cabeça, e celebrando-se a meza, de ordinario, n'uma adega enramada de loiro ou pinho.

No dia seguinte jantam do mesmo modo juntos, prégando o mais discreto (ou o mais avinhado) o sermão de galhofa acommodado ás circumstancias, dentro de uma pipa que serve de pulpito, e rematando a solemnidade com a ladainha de todos os bêbados em versos de pé quebrado.

Eis aqui tudo quanto d'esta antigualha podémos averiguar. Alguem, no futuro, nos agradecerá talvez o havermol-o escrito.

(*Rev. Univ.*)

CLXVI

Como se reformam os anexins de uma lingua

(Novembro de 1843)

O *Tratado das pateadas* do nosso Padre Macedo está ainda longe de ser completo: todos os dias a experiencia nos descobre novas origens de pateadas. As que ultimamente se teem intentado em S. Carlos contra a dança, e que o bom senso publico tem annulado e punido, são fruto de diversas causas mui conhecidas, mas entre as quaes figura, principalmente, o despeito de alguns ex-dançarinos d'aquella casa, que a actual Empreza não julgou conveniente escriturar.

A primeira noite, em que se executou o tão poetico e mimoso poema choregraphico de *Gisella*, que era tambem estreia dançante d'esta Empreza, concorreram aquelles jurados inimigos com todos os auxiliares que poderam carear, e patearam valorosa, posto que não victoriosamente. Uma voz então, alta e sonora, no meio da plateia superior, lhes gritou:

—Soceguem, que amanhan serão escriturados.

Este dito, e o pejo de se verem conhecidos,

deviam produzir mais circumspecção para o diante. Não foi assim.

No dia 3 a *Gisella*, representada pela graciosissima snr.ª Mabilli, e achando-se no theatro Suas Majestades, foi novamente insultada pelos pés, que, tendo perdido o direito de escoicear sobre o palco, tinham por 480 reis adquirido o de o fazerem na plateia geral.

Não é tudo. De um camarote foram arremeçadas para o tablado algumas immundicies, e uma réstea de cebolas, cuja emblemática significação ainda não podémos descobrir. São arcanos da choregraphia pretérita.

A Autoridade policial interveio no caso. Conheceu-se que o n.º 73 fôra o camarote da espirituosissima cebolada, até porque no seu pavimento se acharam ainda restos de cascas e palhas de cebolas. O camarote, que é um dos menos bons e mais rejeitados, fôra alugado, com antecedencia de dois dias «pelo snr. J. A. de C. — diz *A Restauração* — companheiro e socio de um J. S., que foi dançarino de S. Carlos, do numero exactamente d'aquelles, que a Empreza não escriturou. Foram logo postos em custodia, o tal C. e um T. R. que estava no camarote.»

Conservam se ainda prezos, e correm um processo correccional; pelo que, estamos antevendo que o antigo anexim, cuja origem esqueceu, de *Caros achos, compadre*, terá de ser substituido por este novo de *Caras cebolas, dançarinos.*

(Rev. Univ.)

CLXVII

Apparecimento de Carlos Magno

(Novembro de 1843)

Muito não é que os vivos costumem ser outros do que parecem, se até com os mortos não deixa isto de acontecer.

Na egreja maior de Aquisgram, ou *Aix-la-Chapelle*, guardava-se em um caixão de prata um esqueleto, que, segundo a tradição antiga e geral, era de um Santo da mesma terra.

Teve o Deão, pouco ha, a curiosidade de abrir aquelle piedoso depósito, e examinar por seus olhos o seu conteúdo. Abriu-o, de feito, em presença de outros Conegos, do *Maire* e de varias pessoas mais.

Viram dentro, desarmados e sôltos, os ossos de um homem, que bem mostravam haver elle sido de alentada estatura. Ao de cima poisava um pergaminho cerrado e sellado com a assignatura de Frederico I de Suabia (que viveu no seculo XIII). Do texto d'esta carta se colhia que elle, Frederico, mandára tirar do sepulcro de Carlos Magno as suas reliquias, e mettel-as no presente

cofre de prata, transferindo para o seu thesoiro as armas e insignias imperiaes.

Um medico armou para logo o esqueleto, ao qual se acharam 6 pés e meio de comprido; excellente contraprova da identidade, pois que de 6 pés e meio é a medida que dão ao afamado Imperador todas as chronicas. A propria medida chamada *pé de rei*, ninguem ignora que teve por typo primitivo o comprimento do pé d'aquelle Gigante coroado.

(*Rev. Univ.*)

CLXVIII

Fomento para as Bellas-Artes

(Novembro de 1843)

Do talento e gôsto artistico de Sua Majestade o senhor D. Fernando, alguma coisa dissemos já em o nosso artigo 147.

As provas d'esse talento e gôsto estavam nas gravuras em cobre, executadas por S. M., de pouca gente conhecidas, e estão aos olhos de todos nas suas obras de Architectura no Real palacio da Peninha. Documentos recentes da mesma verdade se collegiram tambem da sua viagem pela provincia transtagana, da qual se espera, entre outros frutos, a restauração do templo de Diana, em Evora, e a do castello dos Templarios em Thomar.

Sabbado, 11 do corrente, a Academia das Bellas-Artes de Lisboa foi inesperada e graciosamente visitada tambem por S. M. O principal motivo que o lá attrahia era contemplar um novo quadro, que o distintissimo Lente de Pintura, e digno traductor de Raphael, o snr. Antonio Manuel da Fonseca, traz entre mãos, para ser apresentado na Exposição publica d'este anno. Este quadro representa Enêas, fugindo de Troia incen-

diada com o pae ás costas, o filhinho pela mão, um pouco a traz a mulher, e logo um séquito de familiares e companheiros seus para o desterro.

Vê-se que o pintor, inspirando-se de Virgilio, sentiu, e fez sentir, como elle, todo o sublime terror, toda a profunda compaixão, d'aquella immensa catástrophe.

A expressão (dizem-nos) dos rostos, das posturas, e dos accessorios dos personagens, está achada com um tino, um saber, e uma felicidade, que maravilham. O fundo, o scenario, a noite, a cidade, o incendio, revelariam a mão do Mestre, se tantas outras provas a não tivessem já feito conhecida.

Este quadro, de grande composição e grandes dimensões (pois tem de altura 13 palmos, e 8 e meio de largura), deteve em dilatado e prolixo exame os olhos do Augusto Visitador. O artista-Mestre foi exhortado pelo artista-Rei a concluir quanto antes o seu trabalho, como obra que algum dia virá a ser de grande e merecido crédito.

Todas as bellezas, já expressas e concluidas, ou apenas bosquejadas, ou apontadas, foram por S. M. sentidas e explicadas com uma propriedade e exacção, que admiraram aos peritos circumstantes, e com egual franqueza indicados alguns leves incidentes, em que era possivel, talvez util, e por ventura necessario, modificar, variar, ou corrigir.

Esta visita haverá sido pois de proveito, não só de honra, para o snr. Fonseca.

(Rev. Univ.)

CLXIX

Amor materno

(Novembro de 1843)

Conhecemos uma cadellinha preta, mal feita, ordinaria, de raça mixta de dogue e de gozo, que nenhuma dama tomaria para sua valída, mas que, pelo amoroso de sua indole, pelas excellentes qualidades do seu coração brutinho, poderia envergonhar a muitas e muitas d'ellas.

O cão do Louvre, que se deixou morrer sobre a sepultura do seu dono, e o dogue da travessa do Cabral, de que falámos no artigo 597, que endoideceu quando viu morto quem o amava, não fizeram o que a nossa cadellinha não fizesse tambem, se algum dia lhe sobreviesse egual infortunio; mas o que nos autorisa para dizermos que ella envergonharia (e de certo envergonha) a muita mulher, é um exemplo de outro genero: um exemplo de amor materno.

*

Filena (devemos conservar-lhe o nome) tinha dado á luz dois cãesinhos: um airoso, mas delgado e pequeno; outro, pouco gen-

til, mas grande, forte, e roliço. Criava-os a ambos com affecto; mas julgava-se notar n'ella certa predilecção para com o primeiro. Se lh'os tiravam do seu ninho, era sempre este o que ella primeiro ia buscar, deixando o outro sosinho, ás vezes por um bom espaço, e não indo tomal-o senão quando os seus chóros a imploravam.

A 6 d'este mez, travessuras infantís de filhos da casa a privaram d'elle. Aquellas crianças desattentadas tinham, sem saber o que faziam, atado ao pescoço do pobre animal, cuja gordura e pouca edade o impediam de andar, um cordel; e d'este modo correram com elle a rastos, com grande galhofa e por muito tempo, pelas ruas do jardim, não o deixando, senão quando com terror descobriram que estava morto. Pegou-se n'elle, e foram-n-o lançar a mais de quinhentos passos, e em diversa rua.

A mãe, que ignorava tudo, e que não era costumada a sahir de casa, adivinhou, pelo instinto do coração, assim a morte como a jazida de seu filho; e poucas horas depois, tinha no seu covil, muito chegado a si, muito agasalhado entre os braços, o cadaverzinho regelado, a quem lambia com mais affecto do que ao proprio seu mimoso, de quem por então parecia esquecida.

Esperou-se pela hora em que sahisse para comer; e, a occultas d'ella, foram lançar o defunto a dobrada distancia da primeira vez, e para sitio totalmente diverso. Hora e meia depois... o filho insensivel recebia outra vez as caricias maternas, a par de seu irmão, no recantinho do seu nascimento.

*

...¿Que dirão a isto, não já as que assassinam os frutos dos seus amores, mas aquellas, que, podendo alimental os aos seus peitos, os entregam a mãos mercenarias, sacrificando o mais bello dos feitiços moraes da mulher á conservação de alguma pequena parte da sua belleza physica?

Não dirão nada. Rirão de quem se occupa a escrever de cães; e em Deus lhes dando mais um filho, tornarão a mandal-o para onde por dinheiro lh'o nutram bem ou mal, e lh'o maltratem, e lh'o estropiem muito embora, mas d'onde não venham vagidos importunos quebrar lhes o somno, ou interromper-lhes os divertimentos.

(*Rev. Univ.*)

CLXX

Seda

(Novembro de 1843)

Ouvimos que o snr. Barão da Junqueira possue, na sua quinta de Val-de-Nabaes, em Almeirim, um amoreiral antigo e vasto, em cujo centro se conservam ainda as casas e officinas de um relevante estabelecimento, que por ahi houvera, para a criação do bicho, fiação e fabrico da seda.

A industria da seda attrai ao presente a attenção de todos os Paizes; e em Portugal, se chega a pegar (como parece provavel) augura ella dias de oiro. Por que, ainda que tarde, venhâmos a competir com a Italia e com a França no tecel-a, e tingil-a, nenhum clima, a não ser talvez o de alguma parte da Italia, rivalisará com este nosso em obsequioso para as amoreiras, e paternal para os bichos que se d'ellas nutrem.

Havemos feito, por nossa parte, quanto sabemos para persuadir ao Povo esta saudavel industria; e podemos annunciar que não são já poucas, nem pequenas, as tentativas que n'isto se fazem por todas as provincias, e particularmente na Estremadura, pela prontidão com que o snr. Salles avia as encommendas das amoreiras, e no Minho

pelas diligencias e exemplo vivo do snr. Tinelli.

O Alemtejo, o que mais necessitaria d'esta fonte de riqueza para começar emfim a povoar-se, e atrair o remanescente da população insulana, que lá se vai servir e morrer escrava, e prostituida, nos sertões brazilicos, e nas colonias inglezas, o ermo Alemtejo, ainda (que nós saibâmos) se não lembrou de soccorrer-se a esta moderna *Arvore da vida.*

Ao amoreiral grande do snr. Barão, á sua fortuna muito maior, e á sua grandissima alma, cheia de illustração, de philantropia, e de amor patrio, está provavelmente reservada a gloria de começar a felicitação d'aquelles descampados ermos transtaganos. Ouvimos que pensa n'isto. A Providencia abençoará os seus esfórços; e o Alemtejo, tendo tambem o seu *Olivier de Serres*, não deixará de se metamorphosear de repente, como o *Vivarais.*

Recommendamos o exemplo d'este homem humano a todos os que, por sua riqueza, ou por sua eminente posição administrativa ou ecclesiastica, podem, directa ou indirectamente, pelas obras ou pela palavra, contribuir para tamanha prosperidade nacional.

Recommendamos-lh'o dez, cem. mil vezes, submettendo á sua consideração tudo que havemos escrito nos artigos 997, 1:028, 1:748, 1:848, 1970, 2:006, 202, 256, 1:292, 635.

Dez vezes havemos já tratado d'este assumpto; mas a sua relevancia é tal, que muitas mais ainda voltaremos a consideral-o.

(*Rev. Univ.*)

CLXXI

Liberdade de Imprensa

(Novembro de 1843)

A 25 offereceu o Governo ás Côrtes um projecto de Lei, para repressão dos abusos da Imprensa, precedido de um relatorio, onde se demonstra claramente a inefficacia de todas as tres até agora promulgadas. Segundo esta Lei, as offensas da Imprensa contra os objectos maximos do Estado, Religião, Constituição, Throno, Parlamento, Ordem e socego publico, serão julgadas pelas Camaras legistivas. Todas as de mais injurias ficam por ora sujeitas ao mesmo processo do Jury.

A necessidade de reformação na Imprensa é evidente; mas ¿deverá ella ser pelo modo que vem proposto? Presumimos que a discussão ha-de descobrir muito, que mudar e melhorar.

A nossa opinião sobre este assumpto importantissimo está já formada, e havemos de apresental-a e fundamental-a, sem nos torcermos por especie nenhuma de lisonja, e com aquella soltura decente e honesta, com que todos os escritores publicos devem contribuir, com as suas poucas ou muitas luzes, para o verdadeiro bem e interesse da communidade.

(Rev. Univ.)

CLXXII

Relogio da Cidade

(Novembro de 1843)

Corre ha muitos dias (com que fundamento, não o saberiamos dizer ao certo, mas acreditado e bem aceito) o rumor, de que a Cidade de Lisboa vai ter na sua praça grande o seu grande relogio; e tamanho, que é nada menos que o de Mafra.

Para elle (dizem) se vai levantar sobre um majestoso arco de abóbada, na bocca da rua Augusta, uma soberba torre, qual para esse mesmo fim se achava traçada no risco do Marquez de Pombal.

Suas Majestades, a Rainha e el-Rei (acrescenta-se) promettem para ajuda da obra quantia não pequena; e presume-se que, a par com o relogio, virá um dos afamados carrilhões derramar as suas variadas melodias por cima da mui bella, porém mui prosaica, cidade de Lisboa nova.

Para isto, até nós contribuiremos com o nosso pouco.

Mafra, do seu deserto, haverá presenteado a Capital com um monumento digno do nome de D. Pedro, ficando-lhe ainda, para consolar-se, outro egual, que lhe recorde o

seu D. João V; e os filhos de Lisboa, sem sahirem de suas ruas, pensarão, a cada quarto de hora do dia e da noite, no Real Convento, que envelhece ha muitos annos na solidão, sem arrimo, nem soccorro, nem visita.

Os sinos de Mafra, segundo nos informam, pendem lá de armações de madeira do Brazil; mas já tão carcomidas do tempo, que ameaçam para qualquer dia soltal os de si, por já não poderem; e precipitar em ruinas toda aquella estupenda fábrica de musicas.

No trazel-os ao Terreiro do Paço haveria pois, em vez de um, dois actos meritorios: salvar os sinos, afamados em todo o mundo, e inaugural-os n'um posto, entre todos os postos dignissimo.

Lisboa é para os navios estrangeiros, que a visitam em sua esplendida bahia, a mais ridente hospedeira de quantas cidades ha na terra. ¿Por que lhe não cingiriamos na fronte mais esta joia? ¿Por que lhe não dariamos um novo feitiço, que o marinheiro de regiões remotas fosse encarecer, em voltando para entre sua gente? Os seus ouvintes, ao serão de inverno, escutando-lhe a descripção do colosso equestre de D. José, requereriam logo que lhes falasse d'aquelles sinos, que de noite o alegravam, quando, sentado na tolda, captava com ambas as orelhas fitas as saudosas toadas, que no luar se esvahiam, por cima das aguas serenas, muito ao longe.

A Camara Municipal, que tal obra emprehendesse, bem estreada memoria deixaria.

(Rev. Univ.)

CLXXIII

Qual vida, tal morte

(Novembro de 1843)

João Ignacio, ilhéu, era alcunhado o *Tenente das Guerrilhas da serra do Algarve*, onde ha nove annos campeava com os seus bandidos, acommettendo os constitucionaes, saqueando onde sentia quê, e fazendo-se pelo terror obedecer e servir, onde quer que apparecia.

Desertor, rebelde, companheiro e depois successor do «Remechido», e carregado com a imputação de malfeitorias de todo o genero, roubos, violações, incendios e homicidios, era d'aquelles façanhosos, que já não esperam nem aceitam indultos, porque não crêem na possibilidade do perdão, e que, tendo quebrado para sempre com a sociedade, constituem nobreza para si em perseguil-a até ao cabo.

Na antemanhan de 9, o Alferes Sárria, com poucos soldados, marchava secretamente para o casal, ou *monte*, de Aguas Bellas, residencia de Joaquim Jangra, onde, por denuncia feita ao Administrador do Concelho de Silves, constava que tinha então seu co-

vil aquelle javali, affeito de continuo a mudar de poiso.

Foram sentidos, porém, quando já quasi logravam o fim do seu empenho. Viu bem o malvado que era inutil o combater; preferiu a fuga, deixando a vingança para mais tarde, e evadiu-se acompanhado pelo filho do seu hospedeiro. Os soldados perseguem-n-os, bradando-lhes que se rendam; vêem-n-os afastar-se cada vez mais; vão transpôr, e sumir-se; atira-se-lhes; caem ambos mortos.

A tornada da escolta a Silves é uma ovação. Todos querem ouvir da bôcca dos soldados, para acabarem de o crer, um successo, que desassombra a todos os espiritos de um terror já de nove de annos.

(*Rev. Univ.*)

CLXXIV

A providencia e o castigo

(Novembro de 1843)

Completaremos a precedente noticia, juntando ao drama o seu 1.º acto, qual do Algarve nol-o escreve em data de 19 do corrente um de nossos subscritores.

Um rapaz, das proximidades de Monchique, tinha ido, dias atraz, áquella villa comprar uma porçãosinha de suriano para seu uso; na volta procurou um *monte*, que lhe ficava para os lados do sitio do Alperse, e pediu agua, entrando na casa.

Viu n'ella muitos homens recostados, comendo, bebendo, outros jogando; deram-lhe de comer e beber; tomaram lhe o suriano; e, querendo elle retirar-se, o detiveram. Fizeram-lhe varias perguntas; entre ellas, em que dias sahia agora o correio, por onde passava, etc. ao que, o rapaz não soube responder.

D'aquelle *monte* passaram a outro mais sertanejo, e serra a cima, levando comsigo o rapaz. Percebendo os ladrões (eram vinte e cinco) a tenção feita, que o seu forçado hospede trazia, de lhes fugir, o capitão, a quem chamavam *Tenente*, fel-o assentar-se

n'uma pedra, e mandou que lhe atirassem.

O rapaz, que de certo fôra bem baptisado na cabeça e corpo, não recebeu as balas senão no chapeo; e, sem esperar por segunda experiencia da efficacia do seu Baptismo, saltou da pedra como um côrço, e abalou de carreira arrancada pelo mato fóra; retirada n'aquellas alturas não menos heroica, do que uma victoria. Perseguiram-n-o ainda atirando, mas dentro em pouco o perderam de vista.

Chegado á villa, avisa as Autoridades; em consequencia do que, sahiu a tropa que dissemos, capitaneada pelo Alferes Sarria, e guiada pelo arcabuzado-vivo, que a levou ao *monte*, onde o imprudente malfeitor se achava ainda, como que retido pela fatalidade, que tinha marcado aquelle dia, e aquella hora, para uma tremenda expiação, porque, nos seus ultimos momentos, o moribundo deveu olhar com damnada inveja para a sorte dos que exhalam o espirito pendurados da corda do patibulo, entre os perdões e bençãos da Religião.

(*Rev. Univ.*)

CLXXV

Vidro Protheu

(Novembro de 1843)

A Natureza criou o diamante e o crystal; o acaso inventou o vidro, que imita o crystal e o diamante; a Sciencia imita hoje com o vidro todas as obras da Natureza, não só as inorgânicas (como a pedraria), mas as vegetativas e animadas, com toda a variedade e lindeza de suas formas e côres.

A demonstração d'esta inverosimil verdade apparecerá a todos os incrédulos segunda feira proxima, na residencia do snr. Cayrol, calçada nova de Carmo n.º 14.

Ahi se verá brilhar, na maior profusão, toda a sorte de objectos naturaes e artificiaes, ainda os mais complicados e minuciosos, sem que em toda a sua composição se note um átomo que não seja vidro: cestinhos, flores e ramilhetes; paizagens; aves que parecem ter acudido de regiões extranhas, para vir poisar entre aquella vegetação maravilhosa; animaes de toda a especie; naus com todas as vellas desfraldadas, com toda a artilharia aboccada, com os marinheiros trepando pela enxarcia para o serviço da manobra; corucheos indiaticos e chins, de

graciosa architectura, onde se baloiçam, ou se divertem por mil outros modos, os deliciosos filhos da Aurora; um carro triumphal, em que Venus é levada pelas suas pombas; Cupidinhos esvoaçando por entre as borboletas, irmans suas em melindrosas e inconstantes; lustres; carroagens com soberbos tiros de cavallos; tudo, emfim, quanto a imaginação mais ávida poderia pedir á alâmpada maravilhosa das *Mil e uma noites*.

E, com effeito, é tambem uma alâmpada, a que ali, á vista de todos, produz e multiplica estes prodigios.

Verdadeiro mágico da Industria, o snr. Cayrol está sentado diante da sua meza, em face da sua alâmpada, e sem fôrma, nem outro algum instrumento, para despachar de repente todos os vossos requerimentos, mais do que umas varinhas de vidro de diversas côres, que são as suas varinhas de condão.

As proprias obras do snr. Cayrol são menos admiraveis, que o seu modo de trabalhar. Conversando comvosco, respondendo a todas as vossas perguntas, parecendo não dar senão uma pequena parte da sua attenção ao que está fazendo, é com uma d'estas varas, escolhidas ou trocadas, segundo lhe convem tal ou tal côr, que elle vai derretendo á chamma a sua materia prima, e affeiçoando a no ar, diante de vós, sem veo de mysterio nem charlatanaria.

O mesmo vidro, que lhe está dando a materia prima, lhe está servindo de instrumento. ¡ E que proporção e correspondencia de formas ! ¡ que exacção e graça de desenho !

O snr. Cayrol é um artista, que reune o escultor, o pintor, o esmaltador, com assaz de conhecimentos da Zoologia, da Historia, da Architectura terrestre e naval, e com um gôsto especialissimo na arte das decorações.

Não pára aqui.

Não contente de obrigar o vidro a tomar todas as figuras, dissereis que até a sua natureza intima lhe transmuda. O corpo ao mesmo tempo tão inflexivel e tão fragil, cobra elasticidade, torna-se docil e domavel como a seda. Vereis fiar o vidro com uma rapidez portentosa; tomareis nas mãos as suas meadas; dobral as-heis; enlaçal-as-heis; sentireis desejos de o ver tecido. Não é o snr. Cayrol homem para deixar de vos satisfazer em ponto algum: mostrar-vos-ha os seus tecidos vítreos, tão brandos e mórbidos como os de algodão. [1]

Já se vê quantos usos poderão fazer do prestimo do snr. Cayrol os opulentos, e ainda os medianamente ricos, para satisfazer as phantasias do luxo. ¡Que variedade de novos ornatos para salas, para toucadores, para mezas de jantar!

Mas o snr. Cayrol não produz somente objectos de luxo. Todos os intrumentos de Chimica e de Physica, retortas, thermómetros, barómetros, tudo quanto de vidro se pode fazer, executa-o elle, com a rapidez e

[1] O fiar e tecer vidro não é invenção do snr. Cayrol. D'essa industria ha já maravilhosas fabricas em París; e os jaezes de alguns dos cavallos que ornaram a pompa funebre de Napoleão, eram de especiosissima tela de vidro multicór.—Castilho.

perfeição, de que todos poderão dar testemunho segunda feira proxima.

¿Não conviria, por ventura, que se diligenciasse aggregar ao magisterio, na Academia das Bellas-artes, quem pela primeira vez veio mostrar em nossa terra uma industria tão bella, tão variada, e tão proveitosa? ¡Quão bem não ficará á mesma Academia o requerel-o!

(*Rev. Univ.*)

CLXXVI

A imprecação punida

(Dezembro de 1843)

O suppôr-se efficacia ás pragas é, philosophica e theologicamente falando, um erro.

Nos Livros santos apparecem, ora as bençãos, ora as imprecações, realisadas pelo exito; mas não devemos acreditar, que umas e outras houvessem tido egual valimento para com a Divindade.

As bençãos, como filhas que são do amor, podem ter tido, e ter ainda, virtude para atrahirem bens, que ficam sendo o premio temporal, pela Providencia outorgado ao piedoso sentimento que as ditou. Bem fazem por isso as provincias, onde ainda se conserva o patriarchal estylo de pedirem os filhos a seus paes, e os paes concederem a seus filhos, a benção ao levantar, ao recolher, e na hora amoravel da refeição commum da familia.

Não assim as maldições. O sentimento, que as inspira e formúla, é o odio. ¿Como poderia a Providencia sanccional-o, tornar-se instrumento passivo e cego do sentimento mais condemnado pelo espirito e letra do Christianismo? Logo, o que nos Livros san-

tos se figura, a leitores superficiaes ou maliciosos, execrações contra os inimigos de Deus ou do seu Povo, não são (e não são em realidade) mais que prophecias, annuncios, e não chamamentos de males.

O costume de praguejar, aliás condemnado por todos os educadores christãos, ou só philosophos, ou só decentes, mantém-se, comtudo, no povo, onde talvez ficou transmittido dos pagãos, que attribuiam ás pragas maléfico influxo contra os praguejados; e alguns *acasos*, ou *coincidencias*, lhe dão ainda hoje seu crédito perante os espiritos mesquinhos.

Não: a praga nada mais faz, do que manifestar a ignorancia grosseira, malignidade, e intenção assassina, de quem a sólta. A opinião contrária da recebida pelos praguentos, não sería mais provada que a d'elles; mas sería visivelmente menos reprovavel o suppôr, que a praga poderia colhêr como castigo o seu autor, e ressurtir do alvo contra quem a disparou.

Sería ainda esta uma preoccupação, mas innocente e proveitosa, e que poderia em seu favor allegar outros tantos exemplos, pelo menos, eguaes ao seguinte, que de Gonjoim nos escreve o nosso honrado e zeloso correspondente, o snr. Bernardo Antonio Cardoso Machado:

«No dia 17 de Novembro, no logar da Ariceira, concelho de Armamar, Theodora, mulher já de annos, não achando um seu lenço, e attribuindo a furto o sumiço, de colérica e vingativa exclamou vociferando, que *abrazada fosse a casa onde elle estava*. A'

noite foi seroar com outras em poisada alheia. Lá, tão carregado somno a tomou, que despedidas e apartadas as de mais, se ficou só, dormindo pela noite fóra sem quebra, até que o sol nado a acordou, e a aviou para a sua esquecida habitação. Chegada já perto, no logar d'ella descobre um montão de cinzas, havendo-lhe (não se sabe como) pegado o fogo em quanto ella dormia regalada; e, não sendo a tempo sentido da visinhança, para se lhe acudir, as chammas tinham feito, sem que ninguem lh'a embargasse, a sua providencial execução até ao cabo. O mal agoirado lenço, averiguou-se depois, que estava na propria casa, mettido (sem o ella saber) dentro em uma sua caixa, onde perecêra com tudo mais».

(*Rev. Univ.*)

CLXXVII

A edade de barro

(Janeiro de 1844)

Em Sant'Anna da Carnota apparecêra, havia tempos, um pintor (de lizo ou de ornatos ; não sabemos ao certo), que, não achando na terra e nas vizinhanças que fazer, parece fôra buscar fortuna em outra parte. Voltou porém, depois de algum espaço, trocada já a occupação na de negociante de trigos, ou accumuladas as duas (que tambem ao certo não sabemos isto).

O Juiz eleito, o snr. Carlos Rodrigues, feitor da quinta do Chafariz, tinha pouca fé no hóspede ; desengraçava com elle. Não havia para isso provas, mas era um sentimento *lavateriano*.

E' a casa d'elle, precisamente, que o nosso commissario se dirige, para encetar as suas operações commerciaes.

Ajusta um moio de trigo, e recommenda que o vão medindo, para embarcar n'essa mesma noite para Lisboa, emquanto elle vai buscar dinheiro á sua poisada.

Volta pontualmente, trazendo o n'um cofresinho fechado á chave, para o contar na presença do vendedor ; abre-o ; uma ou duas

vezes tira alguns patacos de dentro dos cartuxos de que está cheio, com que paga aos moços que ajudam a fazer a medição, e torna a fechal-o, mettendo a chave na algibeira.

Não ha nada, como refutar com obras as desconfianças vagas de improbidade.

Mas o tempo apertava; a tarde ia declinando; a bateira devia largar para Lisboa antes da noite; o comprador affligia-se, com medo de perder a viagem. Pediu ao snr. Rodrigues que tivesse a bondade de guardar debaixo de sua mão o cofre, em quanto elle ia embarcar o trigo; depois do que, viria contar a paga, e levar o restante. O snr. Rodrigues, que vira que no cofre se continha realmente dinheiro, guardou-o, e deixou sahir a fazenda.

Passou a noite, e não voltou o freguez, nem tão pouco na madrugada seguinte. Arromba-se o cofre. Só o primeiro cartuxo era de patacos metallicos; o valor de todos os outros era menos *pecuniario* do que *artistico.* Em vez de moedas, compunham-se de bellas chapas redondas de barro bem cosido. E' verdade que eram lisas; mas se lhes tivessem gravado os cunhos das moedas originaes de algum gabinete numismatico, teriam tido, vendidas para algum museu da Europa, muito maior valor do que meros patacões de 40 reis. Não lhes faltava.... senão o cunho (que é um simples accidente)

O vendedor, que não era numismatico, nem ao menos geólogo, partiu logo para Lisboa, onde já achou o seu trigo desembarcado, e deposto no Terreiro.

Ainda, porém, anda em procura do *artista*, que provavelmente a estas horas está fazendo algum painel historico, com a letra *Um Juiz eleito logrado*, e a data de 26 de Dezembro de 1843; sem nome de autor.

(*Rev. Univ.*)

CLXXVIII

Calor para as casas

(Janeiro de 1844)

A necessidade de supprir, por meios artificiaes, o calor amoravel e vivificante, que a Natureza nos denega no inverno, começa de ser geralmente confessada; e se em todas as casas se não vê já estabelecido o uso dos fogões, é porque, assim os de ferro como ainda os de loiça, custam caro, são difficultosos para se bem collocarem em edificios que originariamente não foram preparados para isso, e, sobre tudo, consomem muito combustivel, que n'este Paiz não é barato. O resultado é tiritar-se com frio, em quanto Deus nos não atira outra vez para cima a capa dos pobres, que é o verão.

Mas .. ¡alviçaras! Temos um invento recentissimo, que suppre, com grande economia e algumas outras vantagens, os fogões. E' um esquentador portátil, que examinámos em casa do snr. Lecesne Guillot, rua da Emenda n.º 14. Qualquer caldeireiro, latoeiro, ou fabricante de ferro, o comprehenderá facilmente, e ficará, cuidamos nós, em estado de o executar.

Imaginae um cilindro de metal, de seus

quatro palmos de altura, e de palmo e meio de diâmetro. Na parte superior d'este cilindro entra uma bacia, tambem metallica, de mão travéssa de altura, e com suas duas polegadas de areia fina. ficando tudo coberto com uma tampa crivada de orificios. Ao meio do cilindro ha uma divisão horizontal e metallica, com seus buracos, ficando um vazio entre ella e o fundo da bacia. Na parte infima do cilindro, por uma porta que n'ella ha, se introduz e se assenta uma caixa rectangular cheia de azeite, onde encaixam quatro grizetas de torcida circular, e com registos (como as das lampadas das salas) para as fazer subir e descer. Estas torcidas, que se alimentam do azeite da caixa, ardem dentro de chaminés de vidro, como as das lampadas.

Cheia a caixa de azeite, acezas as grizetas, impostas as chaminés, e posto tudo no seu logar, fecha-se a porta. A areia não tarde em ganhar um grau tão intenso de calor, que, irradiando-se pela atmosphera, dentro em uma hora, e sem deitar fumo nem cheiro (segundo nos affirmou o snr. Guillot), tem aquecido um quarto assaz vasto, até ao ponto de ser necessario retirar a machina, para que a temperatura não passe a incommoda. O azeite, que se consome em aquecer successivamente varias casas, diz-nos o creado que tem aquillo a seu cargo, apenas chega a um quartilho diario.

O esquentador do snr. Guillot é de ferro e latão dourado, com ornamentos e seu luxo; é um movel engraçado e vistoso, e não lhe custou em Paris mais de 3 moedas.

Estamos persuadidos de que alguns fabricantes nossos, por exemplo os snrs. Collares, a viuva Bachelay, e a excellente fundição e forja de vapor á Boa-vista, poderão aviar encommendas d'estas com egual e maior perfeição, e, sendo mais singelas, muito mais barato.

(Rev. Univ.)

CLXXIX

Casimir Delavigne

(Janeiro de 1844)

Em París falleceu o distinto Poeta, conciliador da escola antiga com a moderna, Casimir Delavigne.

Passante de seis mil pessoas o acompanharam á derradeira jazida, no cemiterio do *Père Lachaise*, onde Victor Hugo e Frederico Soulié lhe fizeram eloquentes orações de despedida.

O Rei dos Francezes mandou um ajudante de ordens ao filho do finado, para lhe afiançar a sua protecção. Poucos Povos, e poucos Reis, fazem d'aquillo.

Por esta occasião, não deixará de ser lida com dobrado interesse a seguinte mimosa peça de Poesia, composta por aquelle poeta, e recem-imitada pelo nosso bom amigo o snr. Mendes Leal nos primeiros dias da sua convalescença:

A VACCA PERDIDA

¿Quem me encontrou lá na serra
a vacca preta que eu tinha?
Chamo-a em vão; não me responde...
Perdeu-se a pobre vaquinha.

Outros bens de meu não tinha,
nem já outros bens queria;
não tinha já mais ninguem;
era a minha companhia.

A vacca preta que eu tinha,
¿quem m'a encontrou, coitadinha?!...

*

¿Não temes ir pelas noites
dar co'o lobo carniceiro?
¿Não ouves chamar-te uivando
o nosso fiel rafeiro?

A vacca preta que eu tinha,
¿quem m'a encontrou, coitadinha?!...

*

¿Faltou-te a caso, faltou-te
na manjadoira a ração?
¿Não tinhas tu herva fresca,
em quanto eu nem tinha pão?

A vacca preta que eu tinha,
¿quem m'a encontrou, coitadinha?!...

*

¡Ai! Sem rasão me fugiste;
más palavras não te dei.
Só se foi ha quatro mezes,
quando triste enviuvei.

A vacca preta que eu tinha,
¿quem m'a encontrou, coitadinha?!...

*

Eras ama de meu filho
que sem ti se vai finar.
Vendo a arribana deserta,
¿quem m'o ha-de consolar?

A vacca preta que eu tinha,
¿quem m'a encontrou, coitadinha?!...

*

Quando em Maio reflorirem
estes nossos arredores,
¿quem ha-de levar-te ao pasto
toda enfeitada de flores?

A vacca preta que eu tinha,
¿quem m'a encontrou, coitadinha?!...

*

¿Lembras-te, ingrata, do dia
que eu tremia co'a sesão;
e mas, por livrar-te ao frio,
te cobrí co'o meu gavão?

A vacca preta que eu tinha,
¿quem m'a encontrou, coitadinha?!...

*

Adeus; sem ti voltarei;
procura mais rico abrigo;
busca outro dono, que eu morro...
¡Horas de Deus vão comtigo!

A vacca preta que eu tinha,
¿quem m'a encontrou, coitadinha?!...

*

Foge á neve na montanha,
á sombra foge no val.
Ha-de acabar me esta perda...
mas não te desejo mal.

A vacca preta que eu tinha,
¿quem m'a encontrou, coitadinha?!...

*

Virás co'as pontas rapar
algum dia á minha porta;
virás tarde, que has-de achar
a familia então já morta...

A vacca preta que eu tinha...
¡ai! perdeu se, ¡coitadinha!...

MENDES LEAL JUNIOR

CLXXX

Gulliver em Lisboa

(Janeiro de 1844)

Quem duvidasse da existencia dos *gigantes* e *pigmeus*, descritos por Gulliver nas suas mui veridicas viagens, não teria mais, para se convencer, do que dirigir-se á rua Larga de S. Roque, junto á egreja do Loreto, procurar a casa que na taboleta lhe mostrar gigantes e anões, pagar 120 ou 200 reis, segundo quizer estar sentado ou em pé, e entrar.

Diria que era o proprio Gulliver que veio para ahi estabelecer-se, trazendo vivas e palpaveis algumas amostras d'aquellas extraordinarias gentes que visitou.

Enganar-se-hia: tudo aquillo vem de França. Não admira: tudo que temos de maior, e de mais pequenino, de lá nos vem ha muito tempo.

*

Mademoiselle Camilla é uma parisiense como outra qualquer, no espirito e amabilidade, mas como duas ou tres no tamanho. A sua altura é de 72 polegadas, e todo o seu composto proporcionado, e até elegante. O

seu pé não passa de 9 polegadas; já se vê que é o extremo da pequenez, e que poderia inspirar a Virgilio versos de tão encarecido enthusiasmo, como aquelles em que elle pintou os pés da sua Camilla:

Illa vel intacta segetis per summa volaret
culmina, nec teneras cursu læsisset aristas.

Com o braço estendido horizontalmente, a nossa Camilla moderna, dá por baixo d'elle passagem franca a um homem alto, e aos maiores soberbões d'este mundo poderia «comer as papas na cabeça».

Artistas de primeira ordem a tomaram para modelo de seus quadros heroicos. Horacio Vernet fez d'ella a sua *Judith*, e Paulo Delaroche a sua *Joanna Gray*. O mesmo autor, não contente de a haver pintado uma vez, a reproduziu no seu painel dos *Huguenotes*; e (por que tudo digâmos) triumphou, segundo diz a fama, de «Annette», o mais formoso e perfeito modelo de collossos fêmeos, que houve na Academia de Monsieur Lafont.

¿Imaginará alguem, que as suas refeições sejam de um boi homericamente assado inteiro, um pão do forno de Pombal, um queijo como o da Rainha de Inglaterra, e um copo de vinho como um tonel grande da feitoria do Porto? Nada d'isto. Mademoiselle Camilla come pouco; menos do que o ordinario de qualquer pessoa regular.

*

O escrever de uma pessoa *grande*, obriga a falar de sua familia.

Mademoiselle Camilla pertence a uma familia colossal.

Seu pae, tambor mór na Guarda Imperial, e condecorado por Napoleão com a Legião de Honra, e umas baquetas de oiro, depois da batalha de Marengo, excedia ainda a sua filha 7 polegadas.

Seu irmão, tambem tambor mór, (é uma geração estrondosa por todos os modos) e que serve no 59 de Linha, é ainda mais alto que seu pae 5 polegadas. E' o mais formoso e alentado homem do Exercito francez. Com a cabeça do dedo polegar cobre uma peça de 5 francos, ou um duro hespanhol. O seu sapato, que sua irman nos fará ver, tem 14 polegadas de comprido e 5 de rasto. Atemoriza a imaginação, quando se pensa no que poderá um pontapé puxado pelo dono, e aniquilla a fôrça do anexim que diz «metter uma pessoa n'um chinello».

Outra irman de Camilla sobrepuja-a 4 polegadas; é casada com um sujeito quasi da sua estatura, e tem d'elle filhos já egualmente descommunaes na grandeza, na grossura, e na robustez.

Como não é permittido casar com um irmão, e noivos de tal marca se não encontram todos os dias, Mademoiselle Camilla corre grande risco de morrer solteira, no caso de que a sua estrella lhe não permitta encontrar o lavrador gigante dos arredores de Elvas, esse colosso vivo, que ella tanto e tão

baldadamente desejou ver durante a sua estada n'aquella cidade.

.....¿Qual será o amor bastante
de Nympha, que sustente o de um Gigante?

perguntava Camões.

— O de uma Giganta — lhe respondemos nós em prosa chan; e concluimos que este par sería o mais amoroso de todo o mundo. Por isso fazemos votos pela alliança d'estes dois potentados do reino animal.

*

A antithese de Mademoiselle Camilla é Madama Alphonse, da cidade de La Rochelle. Madama Alphonse, ao-pé de Mademoiselle Camilla, figura como um camapheu ao pé de uma estatua antiga, como um espargo ao-pé de um sovereiro, como o micro cópico Padre Almeno ao-pé do incommensuravel Ovidio Nasão.

Madama Alphonse, viuva de um natural da Lapónia, que não chegava a 3 pés de altura, teve d'elle um filho, que hoje conta 11 annos, egualando apenas a uma creança de 3, e que não pesava, quando nasceu, mais de 18 onças. A impressão que produzem no espectador o filho e a mãe, estes dois entes tão desfavorecidos da Natureza, é tanto mais desagradavel, quanto é mais energico o documento, que a mesma Natureza nos acabava ahi de apresentar, do seu poder criador.

A alegria da criança, o seu cantar ao som das castanholas, o seu bailar, o seu rir, comparados com a sua magreza, com o débil e precário de todo o seu indivíduo, tudo aquillo dá a quem o contempla... (mormente se tem filhos, mais ainda se está para os ter .) um sentimento penoso... que se não define.

(Rev. Univ.)

CLXXXI

Cárcere privado

(Janeiro de 1844)

Uma casualidade fez descobrir, no dia 4 do corrente, um grande crime, ou uma grande desgraça, desgraça ou crime como as cidades encobrem muitos no seu seio.

*

Uma donzella, encarcerada n'um quarto de umas casas na rua do Passadiço, soltava gemidos consternados, que atrahiram a attenção de um sujeito, que passeava n'um quintal subjacente.

Movido da compaixão e curiosidade, aproximou-se para uma janella gradada, d'onde sahiam os sons; e, vendo assomar-se a ella a queixosa, que, além de infeliz que parecia, era moça e gentil, ousou perguntar-lhe pela causa de seus lamentos. Era filha do defunto Almirante R.; tinha mãe, duas irmans, e um irmão; estava preza havia dois annos, e despida; curtia frios e fomes; era maltratada e espancada; e tanto, que ainda na vespera fôra mistér sangrarem-n-a. Não tinha refúgio, protecção, nem esperança.

Horrorisado d'esta narrativa, corre o bom visinho a casa do snr. Juiz de Policia correccional, Reis e Vasconcellos, e revela-lhe pontualmente o seu descobrimento. O Magistrado vôa á mysteriosa vivenda; procura pela dona d'ella; declara lhe quem é, e interroga-a. Eis o que se lhe responde:

Viuva do Almirante R., Commandante da esquadra de D. Miguel, esta senhora vive do monte-pio de seu marido, com um filho e duas filhas que d'elle teve, e que, chamados, se apresentam immediatamente; em nenhuma das duas se via mostra de ser a que pouco antes se lastimava ás grades da sua prisão.

O Juiz, voltando-se para a mãe, lhe pergunta, com um tom que diz assaz que toda a negação será excusada, se não tem mais alguma filha.

—Uma, doida...

—¿Onde está?

—Mas...

—E' necessario que eu a veja.

— Não é possivel; acha se furiosa, molesta, até de cama com uma sangria.

No amontoar das excusas cresciam ao snr. Reis as rasões para a insistencia. Não houve remedio, senão ceder-lhe.

Conduziram n-o ao cárcere. Ahi viu, deitada n'uma enxêrga velha, uma rapariga de uns vinte annos, nua, apenas coberta com um chaile, a qual, interrogada, repetiu fielmente a sua primeira declaração, mostrando, em nódoas e pisaduras do corpo, as provas dos espancamentos que a miudo recebia. Acrescentou que todo o seu alimento era alguma comida, que á noite lhe vinham lançar em

uma lata; e que os rigores da sua situação só se remittiam um pouco á entrada de cada mez, porque então se dependia d'ella para assignar nos recibos do monte-pio; que já, finalmente, uma vez, não podendo soffrer mais aquelle inferno, se fingira doida, para ser (como de feito foi) mandada para o Hospital, onde, passado algum tempo, por não poder familiarisar se com a importuna convivencia das alienadas, confessára á enfermeira o seu fingimento, e os seus desejos de voltar para a casa materna; o que lhe fôra concedido.

A mãe e o irmão, durante este singular depoimento, não cessavam de mostrar, por palavras e gestos, despeito e raiva.

Obrigada a familia a assignar um termo de tratarem a desgraçada com humanidade, sahiu o snr. Reis para fazer ulteriores indagações, e dar providencias quaes a natureza do caso requeria. Do Hospital, e do cirurgião que a sangrára, soube que toda a parte da relação, em que elles figuravam, era exacta.

Do Hospital havia trazido a infeliz menina uma sarna, que se aggravára pelo desprezo, e a que era urgente que se acudisse. Para isto eram necessarias roupas, de que inteiramente estava despojada, e indispensaveis os medicos Determinou se, que iria tratar-se nas enfermarias de S. José; e quanto ás roupas, pediu o Ex.^{mo} Ministro das Justiças ao snr. Reis, que as mandasse comprar, enviando-lhe o rol, que elle prontamente pagaria.

Acabamos de falar com pessoa fidedigna, que hoje, quarta feira, conversou por mais de uma hora no Hospital de S. José, com a

snr.ª D. Carlota R. (é o seu nome). Achou-a interessante e espirituosa; e sobre tudo, por mais que a drede lhe variasse os assumptos em que falaram, não lhe foi possivel descobrir o mais tenue vislumbre de alienação. Os seus sentimentos revelam uma donzella bem nascida, e um coração excellentemente formado; sendo um dos pontos, em que mais insistia, o desculpar sua mãe, e o pedir que se não usasse contra ella de rigor.

A Justiça e o tempo teem ainda muito que patentear.

Já hoje corre como certo, que a viuva do Almirante R. é outra, que vive miseravel e ignorada n'uma casa do Bairo-alto, e que o monte-pio, que até agora lhe fôra usurpado por uma antiga rival sua, e amante de seu marido, lhe vai d'aqui por diante ser entregue. Sobre isto nada podemos ainda affirmar; apontamos um boato espalhadissimo, dispostos a rebatel-o, ou a confirmal-o, segundo a verdade se nos fôr por provas descobrindo. (*Rev. Univ.*)

P. S.

A donzella do nosso artigo 2:559 conserva-se ainda no Hospital. Consta-nos que sua mãe confessa que não era casada com o Almirante, de quem a teve, bem como a seus outros filhos. A verdadeira viuva R. sabemos agora que já não existe; terminou a sua miseravel existencia, ha já tempos, n'uma pequena casa da rua da Rosa das partilhas, onde, por muitos annos, exercêra industrioso officio de mulher de virtude, deitadeira de cartas, adivinhôa, ou feiticeira.

(*Rev. Univ.*)

CLXXXII

Plausibilissimo alvitre a favor da cultura da seda

(Janeiro de 1844)

Sobremaneira folgámos de saber, que o snr. Antonio Pedro de Salles, Portuguez ás direitas, e promotor prático e infatigavel da cultura da seda n'este Reino, dirigiu ha tempos ao Governo uma representação, que não pode deixar de sahir com bom despacho, e muito breve.

Propõe n'ella o snr. Salles que, para que a seda tenha o seu verdadeiro desenvolvimento, se dê, por espaço de quatro annos successivos, a quantia de 150$000 reis annuaes, para serem repartidos em porções deseguaes, sendo a maior de 50$000 reis, e estas serem conferidas como premios aos criadores, que trouxerem ao concurso maior quantidade e melhor qualidade de casulo ; premios estes, que devem ser adjudicados em concurso publico, e por peritos, estampando-se no *Diario do Governo* os nomes dos premiados, por sua ordem, e com a designação do premio de cada um.

Ora, se a venda dos casulos, já por si offerece um interesse bastante para tentar, ¡que

não será quando cada criador podér esperar, além do preço que a sua fazenda lhe ha-de dar com segurança, um acréscimo gratuito de lucro pecuniario, e, ainda por cima, bom nome e crédito de benemerito !

Esperamos que o Governo não tardará em deferir a honrada pretenção, em que o autor anda tão empenhado, como outro qualquer poderia andar pelo bom exito de um requerimento, tão dirigido ao seu particular interesse, como este o é á pública prosperidade.

(*Rev. Univ.*)

CLXXXIII

Incendio no Convento de Xabregas

(Janeiro de 1844)

Pela 1 hora depois da meia-noite de 11 do corrente, declarou-se um forte incendio no convento de Xabregas.

Concorreram todos os soccorros do costume; lutou-se com as chammas até á antemanhan, e conseguiu-se salvar a fabrica de fiação e tecidos, grandiosa e ricamente estabelecida na metade oriental do edificio. A parte d'elle que olha para Lisboa, e que estava destinada para a futura prisão penitenciaria, ficou toda um montão de cinzas e ruinas, perecendo n'ella vinte e um teares ordinarios, de valor proporcionalmente diminuto, nos quaes estiveram ainda n'essa noite seroando alguns aprendizes e officiaes; podendo ser, que alguma chamma latente, deixada cahir talvez por descuido, produzisse aquella desgraça.

O fogo parou ao cunhal da egreja, que dividia pelo meio o edificio, deixando-a inteiramente illesa; o que fez dizer ao digno Administrador do Bairro, o snr. Senna Fernandes, na sua participação official ao Go-

verno civil, que a mão de Deus parecia estar estendida sobre o templo, ¡tão prodigioso se representou a todos o subito parar de tão violentas chammas no acto de o tocarem!

Corre no povo que o fogo foi posto a acinte, e que as primeiras pessoas que lá chegaram, atrahidas do toque de rebate, viram seis homens, «que pretendiam—escreve o *Correio* — dissuadil-as de prestar soccorros, dizendo que esperassem pelas providencias do Governo, que era o culpado de tudo aquillo; os quaes homens —acrescenta o mesmo jornal — chegando o Juiz eleito, e ameaçando-os de os levar para o Limoeiro, desappareceram.»

Outros conjecturam (suppômos que sem nehuma prova *a posteriori*), que a origem d'aquella, que verdadeiramenre ia sendo, calamidade publica, fôra ingleza. E' uma grave accusação, que se não deve permittir sem documentos.

O terem-nos já os Inglezes queimado fabricas, quando aqui nos vieram como valedores no tempo da guerra peninsular, o sabermos que detestam cordealmente toda a industria estrangeira, e a portugueza muito mais, o ser systema seu, nacional e immutavel, o darem por bem comprado um só *schilling* que entre em Londres, por dez milhões que se aniquilem em outro qualquer Reino, são considerações ponderosas, mas não bastam como argumento; mórmente, quando acresce que, a ter sido façanha sua este incendio, devêra, para maior certeza de exito, ter começado na parte aonde não chegou. Se assim fosse, perto de quinhentas

pessoas, que ali se empregam, estariam hoje reduzidas á miseria.

As Companhias *Fidelidade* e *Segurança,* em que o edificio estava seguro, em reconhecimento da sua gratidão para com os serviços feitos pelos empregados da fábrica, para impedirem o progresso do incendio, enviaram á Direcção da mesma fabrica 240 mil reis, para serem entre elles repartidos, não em moeda, mas em fazenda da mesma fábrica mercada com aquelle dinheiro.

(Rev. Univ.)

CLXXXIV

Francisco Joaquim Bingre

(Fevereiro de 1844)

A seguinte ode, dedicada por seu autor ao muito digno Prelado de Aveiro, o Ex.mo S.nr D. Antonio de Santo Elidio, foi-nos offerecida para a inserirmos n'esta folha. De boa mente o fazemos.

Bingre, o vate do Vouga, já octogenario, poude ainda improvisar isto no dia de S. Pedro do anno passado; e Bingre é o ultimo representante que ainda ahi ha, da alegre sociedade e poetica escola de Elmano.

Estes versos, quando outro merecimento lhes faltasse, seriam considerados com o interesse, que nunca deixa de inspirar a columna que permanece em pé no meio das ruinas de um bello edificio, e de cujo capitel, revestido de musgo, sai um canto de ave, que, no meio da solidão, aviva e poetisa ainda mais as saudades do que passou.

A GRANDE BARCA DA ROMANA EGREJA

ODE

¡Que immensos repellões não tem soffrido
a grande barca da Romana Egreja,
sobre revéssos mares
ha tempos combatida
por negros furacões desenfreados!

¡Com que trabalho o seu Arraes affoito,
amarrado ao timão, regido o leme
não tem, prudente e sabio,
pelo direito rumo
que Pedro lhe ensinou, lhe ditou Christo!

Seus valentes irmãos, socios remeiros,
com os remos em punho, segurado
a barca teem na rota,
no marulho das vagas,
salvando de naufragio o baixel santo.

Açoitado de horriveis tempestades
por entre os escarceos do mar cavado,
ora encara as estrellas,
ora os abysmos roça,
porém sempre co'a agulha ao fixo norte.

Pela prôa lhe saltam mil corsarios,
barberescos piratas, que pretendem
ganhar-lhe o barlavento,
famintos de abordagens,
nunca fartos de sangue e de rapinas.

Porém o sabio Palinuro santo,
com seus dextros robustos remadores
aligeirosos fogem
dos barbaros chavecos,
com cem remos rasgando as salsas ondas.

No porto do sagrado Vaticano
com a amarra da Fé vão ancorar-se.
Ali, sempre liberta
das horrendas procellas,
ha-de a barca de Pedro estar a salvo.

Pouco importa que os Euros desavindos
vomitem contra ella accezos raios.
Sobranceira ao rebombo
das nuvens estalantes,
ella voga nos píncaros das vagas.

Se a arca de Noé nadou intacta
sobre as mais altas serras do Universo
afogadas nas aguas...
¿como ha-de sossobrar-se
o divino baixel de Galilêa?

Se a fabulosa nau, *Argos* chamada.
que Typhis sem temor levou a Colchos
do vélo de oiro ao roubo,
mer'ceu do paganismo
collocal-a por astro entre as estrellas,

¡quanto não deve a verdadeira barca,
de que é supremo Arraes do Eterno o Filho,
livrar-se das borrascas,
e pérfidos corsarios,
se ha-de eterna fulgir no excelso Empyrio!

¡Ah! de balde intentais, impios descridos
fazel-a naufragar no pégo horrendo
das vossas pestilencias,
tenazes combatendo a.
Perseguida será, mas não vencida.

Quando no seu convéz Juiz inteiro
o estandarte da Cruz erguer na dextra
para julgar o mundo,
e á esquerda mão ficardes...
conhecereis então seu grande Chefe.

¡Qual vossa confusão será, em vendo
embarcados com elle os da direita
na majestosa barca
para o porto da Gloria,
ficando vós no lodo submergidos!...

29 de Junho de 1843

FRANCISCO JOAQUIM BINGRE

CLXXXV

A senhora Duqueza de Bragança

(Fevereiro de 1844)

Sabe-se que Sua Majestade Imperial, a Viuva do Libertador, depois de ter passado o verão e outono na casa de campo de sua Augusta Mãe, se tornou com a Princeza Amelia para Munich. A saude de ambas estas senhoras foi apenas interrompida, á entrada do inverno, por um ataque de grippe.

S. M. I. continúa a ser a mestra incançavel de sua Filha, e o seu brilhante exemplo de todas as virtudes. De Munich voltarão ambas, no proximo verão, para o seu bello e querido Portugal.

Na doirada hora de sua chegada, muitas saudades acabarão de parte a parte, desfeitas em alegria. Muita casa indigente d'esta Capital, que via a sua Providencia em uma das senhoras mais justamente respeitadas d'este seculo, aguarda com impaciencia esse dia, em que a Mão benéfica e formosa, por quem suspira, venha restituir o pão á sua meza, acender o lume na sua cosinha, e enxugar as lagrimas de seus filhos.

Nós sabemos, que a lista das familias, a quem S. M. acudia com todo o necessario,

era copiosa; a sua beneficencia se extendeu sempre a toda a virtude, ou a todo o infeliz, sem querer nunca saber se era o acaso, a injustiça dos homens, ou a opinião, que haviam produzido o desvalimento.

Nem podia deixar de ser: depois da perda de um semelhante Esposo, nada fica para embellezar a vida, senão amal-o na sua descendencia, e, com os olhos no Ceo, consolar em seu Nome aos infelizes, mormente aos nascidos na mesma terra que a Elle lhe dera o berço. De ambos estes praseres nunca pessoa alguma se gosou tanto, como a senhora Duqueza de Bragança.

(Rev. Univ.)

CLXXXVI

A viuva de um homem distinto

(Fevereiro de 1844)

Vespera do dia de Reis foi dada á terra, na egreja de Nossa Senhora da Graça, da cidade do Porto, a snr.ª D. Anna Benedicta Gomes, viuva do nosso Poeta João Baptista Gomes, autor da *Nova Castro,* e traductor do *Fayel*, dos *Macchabeus*, e da *Mysanthropia e arrependimento.*

Enviuvára aos 24 annos de sua edade, ficando lhe d'elle uma filha, que veio a casar com o snr. João Machado de Abreu, Lente na Universidade de Coimbra. Acabou de 66 annos, e fôra em sua mocidade uma das mais citadas formosuras d'aquella terra.

(*Rev. Univ.*)

CLXXXVII

Ensino dado por um saloio a um alfacinha

(Fevereiro de 1844)

Antonia é uma guapa lavandeira, cujo tugúrio, no meio de uma horta cultivada por seu marido, convisinha com o ribeiro do seu tráfego.

Casada, haverá cinco mezes apenas, tem um paraiso terreal n'aquelle pequeno espaço. Em casa tem os seus amores, ainda no primeiro viço, que beatificam o seu coração de 22 annos. A' sombra movediça d'aquellas arvores, que toldam as aguas tão conhecidas da sua infancia, tem a amisade e a alegria; e, matizado com a conversação de suas companheiras, o trabalho, que, junto á economia, lhe deixa entrever na mão fechada do destino grandes arrecadas e cordão de oiro, para dardejar invejas a muitos olhos.

E' linda; não só por lindeza e mocidade, se não tambem por saude e contentamento.

Quem a encontrar, quando vai da sua porta para o seu estendal, adivinhal-o-ha á primeira vista; e melhor ainda o adivinhará se a vir quando se recolhe. E' como um passarito que enceta a vida, e esvoaça, can-

tando sempre entre a várzea onde se regala, e o ninho que foi seu berço, e poderá vir a ser o de seus filhos.

Na semana de Antonia ha só um dia triste; mas esse tão triste, que já de véspera a entristece; é o sabbado. Então, é constrangida a voltar costas ao seu Eden, para vir entregar á immunda cidade as suas roupas, que ella lhe tornou candidas como os seus braços, ou como os seus costumes.

*

N'uma d'estas vindas Antonia fez uma conquista (já se sabe, sem o querer). O filho do uma fregueza sua, mancebo gastado de delicias, e velho aos 25 annos, espartilhado, frisado, almiscarado, e cujo maior merito era não possuir especie alguma de espirito que o tornasse mui perigoso, viu a; e se não poude dizer como o pastor de Virgilio,

Ut vidi, ut perii, ut me malus abstulit error,

foi unicamente porque não sabia latim.

Mas em compensação, lia novellas francezas, e estava pouco mais ou menos bacharel na sciencia de George Sand. Sobre o ridiculo de respeitar os laços conjugaes, já elle lia de cadeira; o restante (até o panegyrico da vida das galés) havia de vir com o tempo.

Fez a sua declaração verbal com aquelle ar de afoiteza, que não podiam deixar de inspirar-lhe o catalogo das suas namoradas

e o seu par de luvas brancas. Foi repellido com desprezo. Ajuntou promessas; tornou a sel-o com horror. Recorreu ás lisonjas assucaradas, *ultima ratio tolorum,* e foi-o ainda com escárneo. O escárneo era o mais intoleravel para quem se considerava artífice muito primo n'este genero. Protestou vingar-se.

Appellou para a perseverança, como Jacob, e esperou tudo da compaixão.

*

O dia de lavandeira, que é para a maior parte dos homens o mais despoetisador e repulsivo da casa, ficou sendo para elle o de mais invencivel attracção. Girava em roda d'aquellas trouxas com um ar tão dramatico de tristeza, que só um coração mais duro que a pedra de bater, poderia resistir-lhe.

Quando entendeu que a scena muda, repetida já tres ou quatro vezes, devia ter produzido o seu effeito, um dia, acompanhando a sua Nayade até á porta da rua, ousou ahi detel-a respeitosamente.

Antonia olhou para elle; elle olhou para as botas de Antonia... e suspirou.

Antonia sorriu; elle enxugou com um lenço os olhos, que estavam enxutos.

Antonia lhe perguntou, que pretendia; elle, desabando em terra de joelhos, respondeu que morrer; morrer... se ella não consentia uma, uma só vez, em escutal-o; que elle a adorava, e não queria offendel-a, mas só desafogar uma paixão, que lentamente o con-

duzia ás bordas do tumulo (estylo de novellas traduzidas, de que trazia duas nos bolsos falsos do seu albornoz de seda).

Antonia, muda alguns momentos, parecia hesitar entre o dever e o amor, ou entre o amor virtuoso e a vaidade. O nosso *Antony* aproveitou o lanço, beijou-lhe a mão, desatinou (d'esta vez intencionalmente) em tudo que lhe disse, e concluiu promettendo mudar-se para ella em chuva de oiro. Venceu.

Antonia lhe aprasou dia e hora, para o suspirado colloquio na sua choupana; dia e hora, em que seu marido se acharia em Mafra, onde havia de pernoitar.

*

Alindado, aromatisado, e o mais conscienciosamente conforme ao padrão normal do *caçador* parisiense, o nosso Adonis, contente como uma divindade pagan, procurou a pé, e pontual, o sitio dado.

Entrou. A mão de Antonia, antes de lhe dar tempo a que tornasse a beijal-a, já tinha fechado a porta, e mettido a chave na algibeira.

Ia ser interessante a scena entre a *divindade pagan* e a Napêa; mas, antes de começar, seguiu-se lhe logo segunda, sahindo da porta da alcôva terceiro nume, campestre e robusto como Sylvano, e (como elle) armado de um bordão, que, se se decidisse em carregar de cajadadas, como outr'ora carregára de marmellos, era para desfazer a meio Olympo.

Este deus, sahido d'entre as nuvens de chita do quarto, e apparecido no lance pre-

cisamente determinado por Horacio para taes apparições, não produziu comtudo senão metade do seu effeito, porque, ao mesmo tempo que o terror senhoreava do modo mais visivel ao desafortunado *galan*, a *dama* o contemplava tão senhora de si, como se estivesse na circumstancia mais ordinaria e corrente de toda a vida.

*

A mulher e o marido (porque já havereis adivinhado que era o marido) assentaram-se, deixando em pé o convidado, verdadeiramente «de pedra», que não achava nas suas novellas eloquencia capaz de desfazer aquelle bordão, que era então o centro de movimento de todas suas ideias. O desesperado da sua situação aniquilou-lhe até ao mínimo vestigio dos seus recursos intellectuaes.

¡Qual não foi, porém, o seu assombro, quando viu que, em vez de se occuparem com elle, conversavam com a maior intimidade nos arranjos de sua casa, e nos preparativos da ceia, para a qual estavam já prevenidas, e sobre a meza, duas garrafas de vinho do termo!

—Bem,—lhe dizia o coração tartamaleando—depois da ceia é que hei-de ser moído, ou esfaqueado.

Eram 8 horas da noite, quando os viu pôr-se á meza, festejando e comendo com alegria o que se não encontra todos os dias debaixo da telha van: bom arroz de gallinha, e excellente carne de porco frita com batatas; tudo competentemente regado com fre-

quentes libações pelo homem do bordão, que já n'esse tempo o tinha arrumado para um canto, como arma desnecessaria.

—¡Mau!...—dizia o triste com os seus botões—é com as facas da meza que hei-de ser amanhado.

*

Concluida a ceia, e vendo-os levantar-se, um novo calefrio lhe percorreu todos os membros: o instante aproximava-se; e aproximava-se na verdade.

O marido, que ate ahi olhára tanto para elle como poderia olhar para um painel de exposição, encarou-o fito, com um sorriso.... que resumia toda uma vingança de Victor Hugo; tirou de uma gaveta umas cordas, e pediu-lhe as mãos para lh'as amarrar.

Foi então, que se abriram as cataratas das supplicas e satisfações.

—¡Morte não! ¡morte não! ¡morte não!...

O saloio, sem lhe dar mais resposta do que intimar-lhe silencio, silencio profundo e completo, passou-lhe das mãos aos pés, que egualmente lhe amarrou por modo, que só outra divindade de Horacio lhe poderia valer.

.....Deus intersit, si dignus vindice nodus inciderit.....

Tendo-o assim impossibilitado para qualquer movimento, deitou-o para baixo da sua cama, esquecendo-se d'elle como de um traste inutil.

Encommendaram se a Deus, despiram-se, e deitaram-se, não se lembrando mais, em toda a noite, do seu visinho de baixo.

*

Já o sol nado lançava por entre as telhas algumas fitas de oiro para as paredes interiores, quando acordaram (os de cima, se entende), beijaram-se, fizeram o signal da Cruz, e vestiram se.

Então o hóspede foi puchado para fóra, desamarrado, e convidado para almoçar, com gestos e palavras de tanta franqueza, que, ainda podendo rejeitar o offerecimento, o não faria. O almoço foi tambem de garfo, acompanhado de vinho. A *dama* fez as honras da casa com a maior polidez que soube, ainda que, provavelmente, um pouco envergonhada da esparrella em que fizera cahir ao seu adorador, cuja cara tresnoitada excitava realmente compaixão.

— Ora, meu snr., — disse por fim o nosso hortelão — V. S. quiz honrar esta choupana, e nós fizemos quanto nos foi possivel para o hospedarmos com decencia. A ceia, que V. S. não quiz comer, importou em meia moeda, e o almoço n'outra meia. A cama, não lh'a metto em rol, porque, a falar verdade, não foi boa; mas... ¿que remedio? n'esta casa não ha senão uma, e essa não a cedo eu a ninguem. O mais que podia fazer, era dar-lhe (como lhe dei) aquelle vão, onde creio não teria tanto frio, como se dormira na sala terrea.

Pago exactamente o escote, o nosso gamenho se retirou, depois de um «Passem muito bem» sumidissimo, e respondido por um «Vá agora contar aos de Lisboa», e uma risada.

Não foi todavia elle quem aos de Lisboa o contou. De uma pessoa, que a ouviu da bôcca do proprio marido, recebemos esta relação, em que pouco mais suprimimos que os nomes de sitios e pessoas, mas em que nada acrescentámos.

*

E' um capitulo para os fastos dos peralvilhos. Se fosse ha trinta annos, convertia-se logo isto na historia de um frade. Hoje... não teem remedio os seculares, senão carregar com a gloria das suas boas obras.

(*Rev. Univ.*)

CLXXXVIII

Hospedes sem ser convidados

(Março de 1844)

Era entrada a noite; preparava-se uma familia de senhoras, d'esta cidade, para ir para um dos publicos bailes do carnaval, quando lhes chegam dois cavalheiros trajados para função rija.

Não houve remedio senão recebel-os; eram visitas da casa; e á hora a que chegavam, não havia grande rasão para temer que se demorassem.

A estas duas visitas seguiram se porém logo, com pequenos intervallos, tres, quatro, cinco, vinte, cincoenta, innumeraveis, e todas no mesmo ceremonial.

Era um baile inesperado; aproveitaram para elle, com sublime resignação, os dispendios de toucador feitos para outra parte; e o serão, que durou até á madrugada, foi tão cheio e animado, como cumpria a uma coisa que assim viera com um caracter providencial.

No dia seguinte, quando a manhan, até 1 ou 2 horas depois do meio dia, devia ser empregada na cama, em descançar de tão bella noite, uma nova serie de visitadores se apresenta. D'esta vez não são já *damas* e *cavalheiros* dançantes: é um dentista, um sa-

pateiro francez, uma parteira, um afinador de pianos, um limpa-chaminés, uma das elegantes modistas do Chiado, um cabelleireiro, um medico, um tira-nodoas, tres cocheiros, que todos teem á porta as suas carruagens, e outros varios individuos serviçaes, pertencentes a diversas occupações. Cada um d'elles affirmava ter sido chamado para aquella casa, e não admittia ser despedido antes de ter mostrado o seu préstimo e bom serviço.

A' noite, rendendo-se ao convite de uma particular amiga, que as rogava para tomarem com ella o chá, e dançarem duas contradanças, foram achar a casa hermeticamente fechada. Era já mais que demasiado.

Para se desforrarem d'este derradeiro lance, foram aproveitar no Club o restante do serão. Ahi, nova raridade as esperava ainda: quantas senhoras e homens do seu conhecimento lá estavam, vieram cada um e cada uma por sua vez, dar-lhes mil satisfações, por não terem podido, absolutamente, aceitar o seu obsequioso convite para o baile da vespera.

Foi então finalmente que se poude entender o enigma: algum d'estes conscienciosos jogadores do entrudo, que, talvez por algum impedimento grave, teria deixado de pregar peças pelo espaço de muitos annos, determinára resumir todas estas dividas n'um só pagamento, e escolhêra para objecto da sua penitencia a innocente e respeitavel familia, cujo nome não declaramos, e que daria tudo por descobrir este invisivel filho (ou neto) do homem das botas de cortiça.

(*Rev. Univ.*)

CLXXXIX

Em toda a parte cabe a virtude

(Março de 1844)

Haverá semanas, que uma pobre mulher ainda moça, e carregada de luto, tinha ido com dois filhinhos, um de cinco outro de dois annos, pedir esmola á porta de uma casa de certa apparencia, n'uma das ruas da cidade perpendiculares e visinhas ao Tejo.

A moradora da casa parecêra condoída d'aquelle painel, tomára nos braços a cada um dos meninos por sua vez, beijára-os muito, dera-lhes bolos para comerem, e para levarem, fizera-os rir, e mais á mãe, cujo trajo, e cujo semblante principalmente, pareciam dizer, que essa expressão de alegria... muito havia já que lhe era extranha. Depois, convidara-os para jantar. A pobre senhora aceitára com agradecimento, comtanto porém que os deixariam na cosinha, comer entre os criados; ao que, a benigna hospedeira, depois de alguma difficuldade, não teve remedio senão render-se.

A' despedida lhes rogou, primeiro aos filhos do que á mãe, e primeiro ao mais pequenino, que voltassem muitas vezes a vel-a.

D'ahi por diante, a mesma scena se tinha

repetido duas vezes por semana, apertando-se cada vez mais os laços da mútua affeição, entre os protegidos e a protectora, que, não tendo força para fazer aceitar presente algum á sua nova amiga, sempre comtudo achava modo para esconder, em alguma parte do vestido de seus amiguinhos, com que haverem pão para dois ou tres dias.

*

¿Quem sería porém este ente generoso, que tão bem empregava os dons da fortuna de que parecia estar de posse?

Era uma desgraçada.

As suas salas, ornadas com algum luxo e muito gôsto; as suas galas, dispendiosas e sempre variadas, encobriam mais tristezas, e peores, que as paredes provavelmente nuas, e o vestuario preto da mendiga.

Esta mulher, que a Natureza tinha predestinado para ornamento do seu sexo, tinha sido (como tantas) derribada de tão florente cume pela mão da fatalidade, de despenho em despenho, até quasi ao fundo de um abysmo.

Esta mulher vendia a sua virtude, sem ter cessado de a amar; detestava secretamente o vicio, forçada a se lhe immolar todos os dias; e essa mesma repugnancia visivel, com que se abandonava aos desejos brutaes de uma mocidade barbara nos seus amores, era ainda para esses chacaes um novo estimulo. A facilidade do praser se lhes adubava por uma repugnancia moral, que elles adivinhavam sem custo.

O simulacro da pureza no centro da corrupção, não para se adorar, mas para se pizar, dizem elles que é um grande e feliz achado, elles, esses deshumanos, que não reflectem que a mulher pensa, e muito; que a mulher é sensivel até ao extremo; que a mulher envelhece e não perde a memoria; e que, para a mulher que não pode mais voltar para o sexo d'onde desertou, cada hora do seu passado a vai aguardar em furia ao redor do seu leito de morte, quando já pende para o sepulcro, ou sorvedoiro commum dos mendigos no cemiterio.

Carolina (pomos esta máscara sobre o bello rosto do nosso anjo decahido) Carolina vingava-se do seu infortunio, combatendo o dos outros em se lhe deparando occasião; e, não podendo já crer na efficácia das suas orações, ou na possibilidade de ser amada com amor, comprazia-se em provocar com beneficios a amisade e as orações dos desvalidos, principalmente as da infancia; da infancia, em que muito cria; da infancia, a quem idolatrava. ¡Ah! ¡e com quantas invejas, quando via passar por longe d'ella, e sem ousar olhal-a, a mãe de familias, embora indigente, rodeada de seus filhos, todos gentis e todos alegres!

*

No domingo de entrudo a pobre *viuva* (como na casa lhe chamavam) chegou mais tarde que o seu costume, e lavada em lagrimas. O mais velho de seus dois inseparaveis vinha ferido no rosto por uma laranjada que no caminho lhe atiraram. Já se estava á me-

za; a criada os recebeu, segundo o estylo, na cosinha.

A dona da casa, que n'esse dia tinha visitas a jantar, logo que soube da chegada da sua viuva, levantou-se; e, não obstantes os epigrammas e commentarios dos convivas sobre a boa escolha das suas relações, e sobre a sua caridade, correu, talvez com mais ancia por isso mesmo, a abraçar a sua amiga.

¡Qual não foi, porém, a sua mágua, vendo a facesinha, que ella costumava beijar com tanto prazer, ferida e ensanguentada! Tomou o innocente nos braços, e, como para confundir os ridiculos gracejos dos seus commensaes, tornou-se logo com elle para a sala onde os deixára.

Um d'elles, um militar, o que mais a apodára sobre a sua caridade, o que na casa parecia mais intimo e contínuo, e que no festim occupava o seu lado direito, apenas deu com os olhos no anjinho manifestou um abalo, que lhe não foi possivel dissimular.

Carolina, contente pelo coração, e talvez um pouco tambem pela vaidade, do effeito que assim acabava de produzir sobre o seu mofador, quiz rematar o seu triumpho passando-lhe para os braços aquelle suave pezo, e obrigando-o a acaricial-o.

N'este momento a criança, que tinha reconhecido á primeira vista o rosto da pessoa a quem era offerecida, e a qual de balde procurava affectar um ar sereno, encobrindo-se com o lenço que tinha na mão, extendia-lhe ambas as suas, e, toda alvoróços, lhe dava repetidas vezes o nome de «pae».

...Este descobrimento foi um raio de luz para Carolina; mas dissimulou o melhor que poude, até que todos se levantaram, os sentimentos contrarios que a agitavam.....

*

Então, chamando á parte o seu petrificado, e entregando-lhe o menino, que elle, na sua confusão, não tinha valor para aceitar nem para repellir, lhe disse que não era a unica restituição que lhe devia; que elle tinha outro filho, e uma esposa, que ia entregar-lhe.

Vôa á cosinha; e conduzindo cada um por sua mão, sem que nenhum d'elles adivinhe o que os espera, lh'os apresenta; e, com aquelle irresistivel tom de superioridade, que a virtude em taes lances deve influir, lhes ordena que se abracem. Não o ousava a mulher; ousava-o ainda menos o marido.

Carolina, avaliando o enleio da situação, viu logo a necessidade de supprir-lhes com a sua industria a falta de expedientes.

— Senhora — disse ella — fui eu a que, sem querer, lhe extraviei um marido, que, até no meio das suas distracções, nunca cessou de a amar. Restituo lh'o, pedindo-lhe o seu e o meu perdão. Pelo amor d'estes innocentes, pelo amor de si mesma, ha-de conceder-m'o. Senhor, eis aqui a mulher, cujas virtudes me louvava de contínuo, e que tantas invejas me causavam; torne a recebel-a n'este logar mesmo, e d'esta mão. A mão que lh'a apresenta, o logar onde a recupéra, tudo (pela contraposição) está fazendo realçar dobradamente os seus meritos; e de to-

dos elles o maior é o amor, que já absolveu tudo, que já esqueceu tudo, e que não se lhe restitue agora, porque nunca cessou de lhe pertencer.

—¡Não! ¡nunca! ¡nunca! – exclamou n'uma explosão de lagrimas a enlutada, arrojando-se em joelhos, e com as mãos postas, aos pés do seu offensor, que, imitando de repente o seu movimento, e com lagrimas tambem, com lagrimas de arrependimento, de vergonha, e de ternura, a tomou ao peito, como um namorado na primeira hora de posse de seus amores.

*

Não havia meia hora que se tinha recolhido a casa o reconciliado e felicitado par, quando uma carta de Carolina, dirigida ao filho mais velho, e que o pae recusou abrir, foi lida pela alvoroçada *noiva*, que achou n'ella, pouco mais ou menos, estas palavras:

«Sou uma infeliz, que não devo, nem posso, esperar tornar a vel-os. Recebam todos as minhas despedidas. Restituo-lhes o que lhes pertence. Resae ambos por mim, que sou a unica para quem não ha felicidade n'este mundo».

Voltando a pagina, acharam entre a primeira e a segunda folha da carta algumas notas do Banco de Lisboa.

(Rev. Univ.)

FIM DO QUINTO VOLUME

INDICE

	Pag.
CXLVII—Theatro Normal.....	5
CXLVIII—Carestia de um barrete.....	11
CXLIX—Ciumes negros.	13
CL—Tapetes economicos.....	17
CLI—Duello em Florença.....	23
CLII—Duello em Londres.....	25
CLIII—O Pagem de Aljubarrota.....	31
CLIV—Exemplar de paes.....	35
CLV—Enigma para as Justiças.....	39
CLVI—A pomba e o abutre.....	43
CLVII—Admiravel e preciosissimo methodo de illuminação.....	51
CLVIII—A Infanta D. Sancha.....	55
CLIX—Bibliotheca de Braga.....	57
CLX—Emigração de antigualhas portuguezas..	59
CLXI—O diabo no corpo.....	61
CLXII—Um homem duplicado...	65
CLXIII—Serpente no Paraiso.....	69
CLXIV—Fortuna saloia.....	73
CLXV—S Martinho.....	77
CLXVI—Como se reformam os anexins a uma lingua.....	81
CLXVII—Apparecimento de Carlos Magno.....	83
CLXVIII—Fomento para as Bellas-Artes.	85
CLXIX—Amor materno.....	87
CLXX—Seda.....	91
CLXXI—Liberdade de imprensa.....	93

Pag.

CLXXII—Relogio da Cidade... 95
CLXXIII—Qual vida, tal morte..... 97
CLXXIV—A Providencia e o castigo.... 99
CLXXV—Vidro Protheu..... 101
CLXXVI—A imprecação punida..... 105
CLXXVII—A edade de barro..... 109
CLXXVIII—Calor para as casas... 113
CLXXIX—Casimir Delavigne..... 117
CLXXX—Gulliver em Lisboa..... 121
CLXXXI—Cárcere privado..... 127
CLXXXII—Plausibilissimo alvitre a favor da cultura da seda..... 131
CLXXXIII—Incendio no Convento de Xabregas..... 133
CLXXXIV—Francisco Joaquim Bingre.... 137
CLXXXV—A senhora Duqueza de Bragança.... 141
CLXXXVI—A Viuva de um homem distinto 143
CLXXXVII—Ensino dado por um saloio a um alfacinha..... 145
CLXXXVIII—Hospedes sem ser convidados. 153
CLXXXIX—Em toda a parte cabe a virtude..... 155

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA
95—RUA AUGUSTA—LISBOA

PQ 9261 C34C35 v.5

Castilho, Antonio Feliciano
Casos de meu tempo

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 06 012 5